



INSTITUTO POLITÉCNICO de PORTALEGRE



ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA de ELVAS

Dissertação

Mestrado em Agricultura Sustentável

**Recolha de Conhecimentos Etnobotânicos Aplicados ao Tratamento de Animais
em Três Aldeias do Alentejo**

Susana Cristina Branco Dinis

Orientador:

Prof.^a Doutora Orlanda Póvoa

Co-Orientador:

Prof.^a Doutora Noémia Farinha

2014



INSTITUTO POLITÉCNICO de PORTALEGRE



ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA de ELVAS

Dissertação

Mestrado em Agricultura Sustentável

**Recolha de Conhecimentos Etnobotânicos Aplicados ao Tratamento de Animais
em Três Aldeias do Alentejo**

Susana Cristina Branco Dinis

Orientador:

Prof.^a Doutora Orlanda Póvoa

Co-Orientador:

Prof.^a Doutora Noémia Farinha

2014

Este trabalho não contempla as críticas e correcções sugeridas pelo Júri

Assinatura dos Membros do Júri:

(Presidente do Júri)

(Orientador)

(Arguente)

(Arguente)

Classificação Final: _____

Agradecimentos

A minha gratidão dirige-se a todas as pessoas que com um sorriso, um gesto ou uma atitude, enriqueceram o meu caminho e este trabalho, tornando este percurso mais leve, mesmo quando o peso se tornou mais intenso.

Destaco a partilha e a generosidade dos informantes, a amizade e empenho das orientadora, co-orientadora e suas famílias e o imenso amor dos meus pais.

Resumo

Este trabalho é um estudo etnobotânico que se desenvolveu em três aldeias da região alentejana com o objectivo de recolher conhecimentos sobre o uso tradicional de plantas no tratamento de doenças dos animais.

As aldeias em estudo foram Alegrete, Santa Catarina e Vale de Vargo, nas quais foram efetuadas 65 entrevistas semi-estruturadas. Foram recolhidos dados para a caracterização do informante, a identificação das plantas, a utilização medicinal e o método de preparação, bem como os grupos de animais domésticos a que se destinavam: *Bovinae*, *Caprinae-Capra*; *Caprinae-Ovis*, *Equidae*, *Suidae*, *Galliformes*, *Canidae* e *Felidae*). Os informantes eram maioritariamente do sexo feminino, com mais de 70 anos, iletrados ou com frequência do 1.º ciclo, com atividade, atual ou passada, ligada à agricultura ou à produção animal. O conhecimento é fundamentalmente de origem tradicional e com aplicação ainda frequente na atualidade, mas se não for registado, corre o risco de perda permanente.

As plantas mais citadas foram o Calafito (*Hypericum tomentosum*) e a Malva (*Lavatera spp.*; *Malva spp.*).

As aplicações mais frequentes em animais foram nos traumatismos (feridas e hematomas) e nas doenças respiratórias. Estes resultados estão de acordo com os referidos por outros autores em estudos etnobotânicos na região mediterrânica.

A aplicação destes conhecimentos pode contribuir para a valorização dos recursos genéticos vegetais, mas os resultados da etnobotânica devem ser testados do ponto de vista farmacológico, antes de serem utilizados em produção animal.

Palavras-chave: etnobotânica, fitoterapia, uso tradicional de plantas

Abstract

This work is an ethnobotanical study unfolds in three villages of the Alentejo region in order to obtain knowledge on the traditional use of plants to treat animals diseases.

The villages under study were Alegrete, Santa Catarina and Vale de Vargo, in which 65 semi-structured interviews were incurred. Data for the characterization of the informer, the identification of plants, the medicinal use were gathered and the method of preparation, as well as groups of domestic animals that were intended to: *Bovinae*, *Caprinae-Capra*; *Caprinae-Ovis*, *Equidae*, *Suidae*, *Galliformes*, *Canidae* e *Felidae*). The interviewed were mostly female, with more than 70 years, often illiterate or basic educational level, current or past activity engaged in agriculture or livestock production.

Knowledge is mainly traditional source and even with frequent use nowadays, but if it unregistered, you run the risk of permanent loss.

The most mentioned plants were Calafito (*Hypericum tomentosum*) and Mallow (*Lavatera* spp;. *Malva* spp ..).

The most frequent applications were animals in trauma (wounds and bruises) and respiratory diseases. These results are consistent with those reported by other authors in ethnobotanical studies in the Mediterranean area.

These uses might contribute to the promotion of plant genetic resources, however, the results of ethnobotany have to be tested the pharmacological standpoint, prior to use in livestock production.

Keywords: ethnobotany, phytotherapy, traditional use of plants

Índice Geral

Agradecimentos	v
Resumo	vi
Abstract.....	vii
Índice Geral	viii
Índice de Quadros	ix
Índice de Figuras	x
1. Introdução.....	1
2. Objetivos.....	2
3. Revisão Bibliográfica	3
3.1. Área de Estudo	3
3.1.1 Alentejo	3
3.1.1.1. Localização.....	3
3.1.1.2. Clima	4
3.1.1.3. Ocupação de Solos	4
3.1.1.4. Produção Animal	5
3.1.1.5. População	5
3.1.2. Aldeias – Enquadramento Geral.....	6
3.1.2.1. Alegrete	8
3.1.2.2. Santa Catarina.....	10
3.1.2.3. Vale de Vargo.....	11
3.2. Etnobotânica	12
3.2.1 Etnobotânica e Conservação de Recursos Genéticos	14
3.3. Etnoveterinária.....	16
3.3.1. Fitoterapia.....	16
4. Metodologia.....	18
4.1. Selecção das Aldeias	18
4.2. Entrevistas Etnobotânicas.....	18
4.3. Tratamento de Dados.....	21
5. Resultados e discussão	22
5.1. Informantes.....	22
5.2. Plantas.....	26
5.3. Preparações-Tipo	32
5.4. Animais.....	35
5.5. Doenças/Problemas	38
6. Discussão de Resultados.....	42
7. Conclusões.....	47
8. Bibliografia.....	48
9. Anexos	i
Anexo 1	i
Anexo 2 - Plantas Recolhidas para Herbário.....	ii
Anexo 3 - exemplos de espécimens considerados para identificação de espécies correspondentes aos nomes comuns referidos pelos informantes.....	iii
Anexo 3.1 – Erva Congorsa ou Erva da Lua (<i>Vinca difformis</i>).....	iii
Anexo 3.2 – Salva Brava (<i>Phlomis lychnitis</i>).....	iii
Anexo 3.3 – Calafito (<i>Hypericum tomentosum</i>)	iv
Anexo 1.4 – Pita (<i>Agave americana</i>).....	iv

Índice de Quadros

Quadro 1- Área das sub-regiões do Alentejo	4
Quadro 2- Pontos Extremos de Posição Geográfica do Alentejo	4
Quadro 3- Produção Animal do Alentejo - efectivos por tipologia animal	5
Quadro 4- Localização Geográfica das Três Aldeias em Estudo no Alentejo	6
Quadro 5- Espécies de Plantas mais Citadas	30
Quadro 6- Enquadramento de sintomas nos grupos de doenças/problemas	38
Quadro 7- Espécies de Plantas Mais Citadas VS Número de Citações Doenças/Problemas	42
Quadro 8- Grupo Doenças/Problemas VS Número de Citações de Espécies de Plantas mais Citadas	43
Quadro 8- Representatividade das entrevistas efectivadas no total da população contactada e residente nas 3 freguesias	45

Índice de Figuras

Fig. 1 Sub-regiões da Região Alentejo	3
Fig. 2 População Residente nas freguesias de Alegrete, Santiago (inclui Santa Catarina) e Vale de Vargo	7
Fig. 3 Estrutura Demográfica das freguesias de Alegrete, Santiago (inclui Santa Catarina) e Vale de Vargo.....	7
Fig.4 Temperaturas Médias anuais nos distritos de Portalegre, Setúbal e Beja.....	8
Fig. 5 Totais de Precipitação anuais nos distritos de Portalegre, Setúbal e Beja	8
Fig. 6 Localização da freguesia de Alegrete no concelho de Portalegre.....	8
Fig. 7 Localização da freguesia de Santiago (inclui Santa Catarina) no concelho de Alccácer do Sal	10
Fig. 8 Localização da freguesia de Vale de Vargo no concelho de Serpa.....	11
Fig. 9 Entrevista semi-estruturada na aldeia de Alegrete	19
Fig. 10 Entrevista semi-estruturada na aldeia de Santa Catarina	19
Fig. 11 Entrevista semi-estruturada na aldeia de vale de Vargo	20
Fig. 12 Relação entre o número de pessoas abordadas e entrevistas efectivadas nas três aldeias do estudo	24
Fig. 13 Média da idade do informantes em cada aldeia	24
Fig. 14 Nível de escolaridade dos informantes nas três aldeias do estudo	24
Fig. 15 Profissões actuais dos informantes nas três aldeias do estudo.....	25
Fig. 16 Profissões actuais e antigas (no caso dos informantes reformados) dos informantes nas três aldeias do estudo.....	25
Fig. 17 Forma de aquisição de conhecimentos sobre utilização de plantas no tratamento de problemas de saúde animal nas três aldeias em estudo	26
Fig. 18 Importância relativa (%) das plantas citadas na aldeia de Alegrete	27
Fig. 19 Importância relativa (%) das plantas citadas na aldeia de Santa Catarina.....	28
Fig. 20 Importância relativa (%) das plantas citadas na aldeia de Vale de Vargo	29
Fig. 21 Preparações-Tipo usadas na aldeia de Alegrete	33
Fig.22 Preparações-Tipo usadas na aldeia de Santa Catarina	33
Fig. 23 Preparações-Tipo usadas na aldeia de Vale de Vargo	34
Fig. 24 Preparações-Tipo usadas nas três aldeias	35
Fig. 25 Citações (%) por tipologia de animais citados na aldeia de Alegrete	36

Fig. 26 Citações (%) por tipologia de animais citados na aldeia de Santa Catarina	36
Fig. 27 Citações (%) por tipologia de animais citados na aldeia de Vale de Vargo	37
Fig. 28 Citações (%) por tipologia de animais citados nas três Aldeias	38
Fig. 29 Citações (%) por tipologia de doenças/problemas citados na aldeia de Alegrete	39
Fig. 30 Citações (%) por tipologia de doenças/problemas citados na aldeia de Santa Catarina	40
Fig. 31 Citações (%) por tipologia de doenças/problemas citados na aldeia de Vale de Vargo	40
Fig. 32 Citações (%) por tipologia de doenças/problemas citados nas três aldeias	41

1. Introdução

Embora assistamos actualmente a uma procura de novas oportunidades no retorno às origens, a transformação rápida verificada na nossa sociedade nas últimas décadas, trouxe o abandono crescente da vida rural e a consequente desertificação das zonas rurais.

Num outro tempo em que as acessibilidades, a informação e a comunicação, estavam pouco disponíveis, as comunidades socorriam-se dos recursos naturais de que dispunham, nomeadamente das plantas que tinham nos seus quintais ou nos campos, para combater as doenças que atingiam os animais e que constituíam uma séria ameaça à economia familiar.

Estas condições propiciavam o despertar de habilidades e sensibilidades, relativamente às propriedades medicinais das plantas, e ao seu uso.

Neste contexto, o que eram os hábitos, tradições, práticas de subsistência e dinâmica cultural, estão agora postos em causa, ameaçando desaparecer junto com a população, que nestes locais é bastante envelhecida.

É assim urgente preservar e tentar de alguma forma perpetuar os conhecimentos na posse das populações, revitalizando-os e valorizando-os numa perspectiva de sustentabilidade.

A perda de biodiversidade é um dos maiores problemas do mundo moderno, constituindo em simultâneo um enorme desafio, quer do ponto de vista ambiental, quer do ponto de vista do desenvolvimento sustentável.

A etnobotânica tem particular importância no contributo que dá para a preservação da herança cultural de um povo. É aqui que este trabalho pretende dar o seu contributo, procurando conhecimentos esquecidos no tempo, trazendo-os de novo à ribalta, demonstrando a sua utilidade e registando-os para o futuro.

Comprovar a utilização eficaz de determinadas espécies de plantas no tratamento de certas doenças dos animais, poderá ser o início do caminho.

Neste trabalho, registam-se os usos tradicionais de plantas no tratamento de doenças dos animais, através de entrevistas etnobotânicas, em três aldeias do vasto Alentejo, com condições climáticas e territoriais distintas.

2. Objetivos

Este trabalho tem como objetivo global destacar a importância da etnobotânica como ferramenta na preservação de conhecimentos tradicionais sobre as plantas, contribuindo para preservar a sabedoria ancestral dos nossos antepassados, canalizando-a numa perspectiva de potencial para construção de um futuro mais sustentável.

Os objetivos específicos são:

- (i) recolher informação sobre a utilização tradicional de plantas no tratamento de animais, em 3 aldeias do Alentejo: Alegrete, Santa Catarina e Vale de Vargo;
- (ii) Aferir se existem usos tradicionais das plantas medicinais, no tratamento de animais, diferenciados nas 3 aldeias;
- (iii) Fundamentar a utilização das propriedades medicinais das plantas no tratamento de animais, valorizando os recursos genéticos regionais;
- (iv) Pesquisar finalidades terapêuticas das plantas, passíveis de serem aplicadas ao tratamento animal;
- (v) Contribuir de forma objectiva para a conservação da biodiversidade, procurando valores alternativos para os recursos genéticos regionais.

3. Revisão Bibliográfica

3.1. Área de Estudo

3.1.1 Alentejo

3.1.1.1. Localização

O Alentejo situa-se no Sul de Portugal e ocupa uma área geográfica de 27003,158Km², cerca de um terço da superfície total do País, abrange os distritos de Évora, Beja e Portalegre e ainda quatro concelhos do distrito de Setúbal a Sul do Rio Sado: Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém e Sines (Direcção Regional de Agricultura e Pescas do Alentejo, 2008). E, de acordo com os censos de 2011 (INE, 2011) tem 757302 habitantes.

Esta região é limitada a Norte pelo Rio Tejo, a Noroeste pela Estremadura, a Oeste pelo Oceano Atlântico, a Este pela fronteira com Espanha e a Sul pelo Algarve. Encontra-se subdividida em quatro unidades, designadas por Alto Alentejo, Alentejo Central, Baixo Alentejo e Alentejo Litoral (fig. 1 e quadros 1 e 2).



Fig.1 Sub-regiões da Região Alentejo. Fonte: Montalegre do Cercal, 2013.

Quadro 1- Área das sub-regiões do Alentejo

Sub região	Área (Ha)	Área (%)
Alto Alentejo	515.127	24
Alentejo Central	613.649	28
Baixo Alentejo	673.363	31
Alentejo Litoral	356.743	17

Fonte: Direcção Regional de Agricultura e Pescas do Alentejo, 2008

Quadro 2- Pontos Extremos de Posição Geográfica do Alentejo

Latitude		Longitude	
Norte	Sul	Este	Oeste
39° 39' 49"	37° 19' 08"	-06° 55' 53"	-09° 00' 16"

Fonte: Anuário Estatístico da Região Alentejo, 2010

3.1.1.2. Clima

O clima do Alentejo apresenta características mediterrânicas e continentais. A precipitação é fraca e predomina nos meses de Inverno, variando entre os 400 e os 600 mm (*Direcção Regional de Agricultura e Pescas do Alentejo, 2008*).

Existem microclimas em algumas zonas do Alentejo, nomeadamente na Serra de S. Mamede (Portalegre) com 1025 metros de altitude, na Serra d'Ossa (Redondo) com 649 metros de altitude e na Serra de Portel (Portel) com 421 metros de altitude (Tavares e Ferreira, 2014).

3.1.1.3. Ocupação de Solos

Os solos utilizados para a prática da agricultura representam 35% da superfície total da região, sendo as principais culturas os cereais de Outono/Inverno em regime de sequeiro; a olivicultura e a viticultura são também importantes actividades agrícolas e na produção silvícola, a cortiça ocupa um lugar de destaque (*Direcção Regional de Agricultura e Pescas do Alentejo, 2008*).

De acordo com os resultados obtidos no Recenseamento Geral da Agricultura (RGA, 2009), em termos regionais, mais de metade (53%) da superfície agrícola utilizada (SAU) do País, localiza-se no Alentejo.

Os sistemas arvenses extensivos de sequeiro, são indissociáveis da paisagem alentejana, no entanto, apenas 5% das explorações agrícolas da região são especializadas em cereais, plantas oleaginosas e proteaginosas, facto que, segundo o RGA 2009, é justificado pela combinação com outras produções. Em termos de produção animal a produção de bovinos e de ovinos assumem a expressão de maior relevância.

3.1.1.4. Produção Animal

A caracterização da produção animal do Alentejo tem como base o recenseamento geral da agricultura (RGA) 2009 e apresenta-se no quadro 3. A produção de bovinos e de ovinos assumem a expressão de maior relevância.

Quadro 3- Produção Animal do Alentejo – efetivos por tipologia animal

Tipologia Animal	Efetivo no Alentejo em Relação ao Nacional (%)	N.º de Cabeças no Alentejo	Efectivo no Alentejo (%)
<i>Bovinae</i>	39,00	555390	19,73
<i>Caprinae – Capra</i>	24,00	99155	3,52
<i>Caprinae – Ovis</i>	49,00	1090421	38,73
<i>Suidae</i>	25,00	473792	16,83
<i>Equidae</i>	17,00	9590	0,34
<i>Galliformes</i>	2,00	563256	20,00
<i>Leporidae</i>	2,00	23995	0,85

Fonte: RGA; 2009

3.1.1.5. População

Em 2009, o recenseamento geral da agricultura indica que a população rural envelheceu consideravelmente nos últimos 10 anos, passando a idade média de 49 para 52 anos e o seu nível de instrução continua a ser deficitário.

Embora há uns anos atrás quase toda a população se dedicasse à agricultura e apesar de actualmente as pessoas procurarem outras profissões, esta actividade não foi abandonada por completo (Cunha, 2007).

Sendo o Alentejo a maior região do País, é simultaneamente a região com menor densidade populacional, onde o factor agrícola tem um peso considerável, estando no entanto, fortemente dependente de ajudas estatais e bastante susceptível às condições climáticas.

3.1.2. Aldeias – Enquadramento Geral

No quadro 4, apresenta-se um resumo da situação geográfica das três aldeias em estudo neste trabalho, fazendo-se o enquadramento da sua localização no território nacional.

Quadro 4- Localização Geográfica das três Aldeias em estudo no Alentejo

Aldeias em Estudo	Freguesia	Concelho	Distrito	Sub Região	Região	Coordenadas Geográficas
Alegrete	Alegrete	Portalegre	Portalegre	Alto Alentejo	Alentejo	39°14'19,21''N 7°19'21,23''O
Santa Catarina	Santiago	Alcácer do Sal	Setúbal	Alentejo Litoral	Alentejo	38°23'58,13''N 8°24'49,46''O
Vale de Vargo	Vale de Vargo	Serpa	Beja	Baixo Alentejo	Alentejo	37°59'01,56''N 7°24'37,18''O

As figuras que se seguem, permitem uma comparação de dados que se julgam pertinentes para este trabalho e que nos remetem para três realidades distintas de uma mesma região: o Alentejo.

As figuras 2 e 3 referem-se à população residente nas três freguesias e à restante estrutura demográfica, respectivamente, segundo os resultados definitivos dos Censos 2011 (INE, 2011). A aldeia de Santa Catarina destaca-se, por ser a única que, embora aldeia rural, se insere em área pertencente a uma freguesia urbana. Os dados são referentes ao total da freguesia, devido à falta de dados fidedignos apenas da aldeia, ainda assim, achou-se importante apresentar a comparação. A aldeia de Alegrete, bem como a aldeia de Vale de Vargo, são sede de freguesias rurais.

Destaca-se que, nas três aldeias, o número de mulheres é superior ao número de homens. Em Vale de Vargo a % de pessoas pertencentes ao setor primário é mais do dobro das outras 2 aldeias. Em Santa Catarina o analfabetismo, assim como a população residente com mais de 65 anos é inferior às outras 2 aldeias.

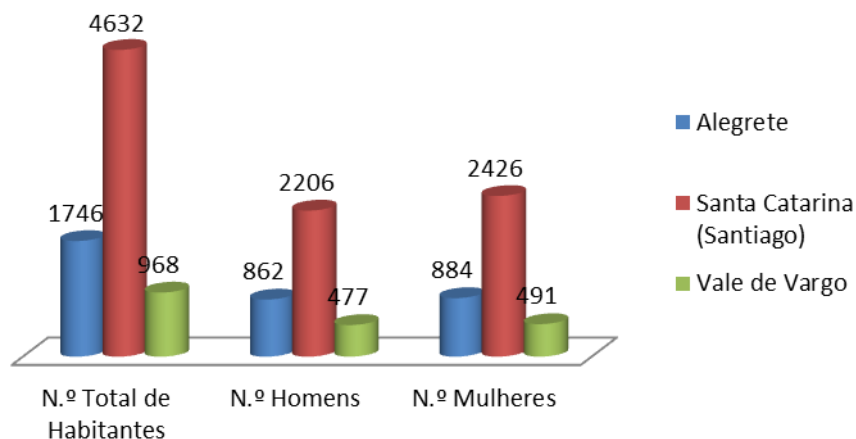


Fig.2 População Residente nas freguesias de Alegrete, Santiago (inclui Santa Catarina) e Vale de Vargo. Fonte: Censos 2011 (INE, 2011).

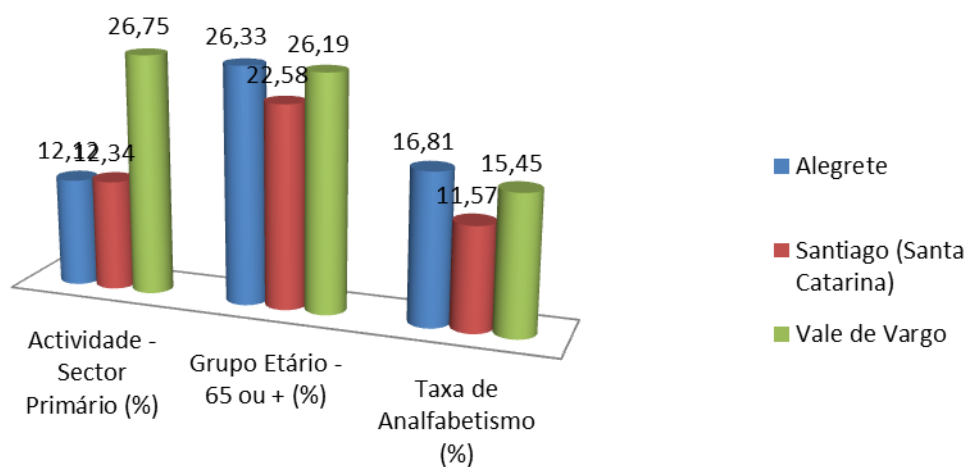


Fig.3 Estrutura Demográfica das freguesias de Alegrete, Santiago (inclui Santa Catarina) e Vale de Vargo. Fonte: Censos 2011 (INE, 2011).

As temperaturas médias, representadas na figura 4 (Instituto Português do Mar e Atmosfera), mostra que a temperatura média anual mais baixa se regista no Distrito de Portalegre e a mais alta em Beja.

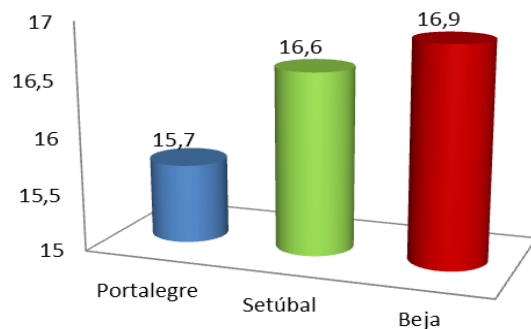


Fig.4 Temperaturas Médias Anuais (1981 a 2010) distritos de Portalegre, Setúbal e Beja. Fonte: <http://www.ipma.pt/pt/oclima/normais.clima/1981-2010/015/>.

Segundo o Instituto Português do Mar e Atmosfera, Portalegre é o distrito onde ocorre maior precipitação anual e no distrito de Beja regista a menor precipitação anual, como se pode verificar na figura 5.

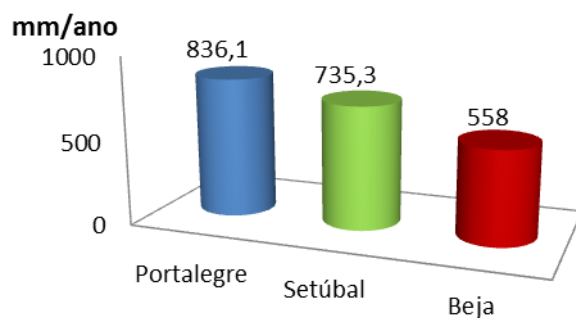


Fig.5 Totais de Precipitação Anuais (1981 a 2010) Distritos de Portalegre, Setúbal e Beja. Fonte: <http://www.ipma.pt/pt/oclima/normais.clima/1981-2010/019/>

3.1.2.1. Alegrete

Alegrete é uma Freguesia rural do concelho de Portalegre, distrito de Portalegre, sub-região Alto Alentejo, como se pode verificar na figura 6.



Fig.6 Localização da Freguesia de Alegrete no concelho de Portalegre. Fonte: Município de Portalegre (2008).

Segundo os resultados finais apurados nos Censos 2011 (INE Censos, 2011), Alegrete tem uma área total de 8692,38 ha, uma população residente de 1746 indivíduos, sendo que destes, 862 são homens e 884 são mulheres. A população com 65 ou mais anos representa 26,33% da população total. Dentro da população activa, o sector primário é o sector de actividade com menos representatividade, 12,12% e a taxa de analfabetismo é de 16,81% (figuras 2 e 3).

A quase totalidade da área da freguesia de Alegrete, está integrada em reserva natural, o Parque Natural da Serra de S. Mamede.

Segundo o Relatório Final do Plano de Ordenamento do Parque Natural da Serra de S. Mamede (2003), a climatologia da área caracteriza-se pelas grandes variações de temperaturas, como consequência da altitude e da exposição do local, justificando as temperaturas mínimas a presença de neve que ocorre entre Dezembro e Março. No que respeita à precipitação, verificam-se valores médios na ordem dos 947 mm, com reduzida precipitação nos meses de verão, denunciando o carácter predominantemente mediterrânico do clima, a precipitação é reduzida em Julho e Agosto (< 10 mm/mês), que contrasta com a pluviosidade superior a 100 mm/mês nos meses de Outubro a Março, manifestando a características atlânticas do clima, já que este local, devido á elevada altitude da sua serra que actua como barreira de condensação, forma uma ilha em termos climáticos, sofrendo influências atlânticas num clima que é predominantemente mediterrânico. Quanto à insolação, é variável e directamente associada à nebulosidade, sendo em termos médios fraca (< 50%) ou moderada entre Novembro e Abril e forte ($\geq 80\%$) em Julho e Agosto. A ocorrência de nevoeiro e de geada está fundamentalmente relacionada com as condições meteorológicas prevalentes no final da noite e princípio da manhã, quando as temperaturas do ar e da camada superficial do solo atingem valores mínimos.

Geologicamente, quase todo o território da freguesia se encontra enquadrado na estrutura sinclinal da Serra de S. Mamede. Ressaltam as formações rochosas em camadas sobrepostas, inclinadas, representativas das diferentes épocas de formação destes maciços, verificando-se ocorrência de xisto, em geral grosseiro e de clivagem muito irregular a menor altitude, seguindo geralmente as linhas de água, nas encostas e cumes, as formações são de quartzitos com diferentes graus de cristalização, surgem alguns afloramentos graníticos e muito poucos de calcário. Associados às encostas muito recortadas e à inclinação, surgem muitos cursos de água permanentes (Parente, 2003).

Como consequência de uma peculiar situação climática originada principalmente pela altitude da já referida serra, que atinge no seu ponto mais elevado 1025m, actuando como uma barreira de condensação sobre as influências atlânticas, pode encontrar-se nesta região uma grande variedade de habitats (Dinis, 1999).

No que diz respeito à flora, podem encontrar-se cerca de 800 espécies espontâneas e sub-espontâneas, e constitui o limite meridional de muitas espécies largamente distribuídas em regiões mais setentrionais, sendo assim notável a presença de uma grande biodiversidade (Antunes, S/D).

3.1.2.2. Santa Catarina

Santa Catarina, é um pequeno aglomerado rural, pertencente à freguesia urbana de Santiago, do concelho de Alcácer do Sal, distrito de Setúbal, sub-região Alentejo Litoral, conforme a figura 7.

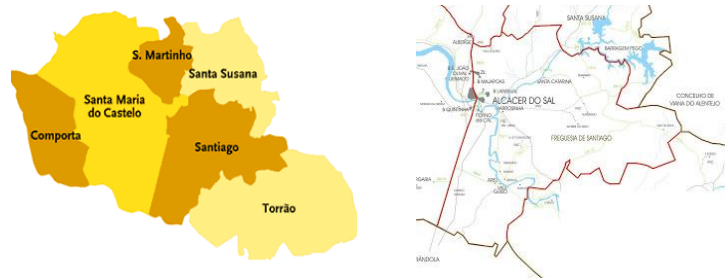


Fig.7 Localização da Freguesia de Santiago (incluindo o lugar de Santa Catarina) no concelho de Alcácer do Sal. Fonte: Boletim online da Junta de Freguesia de Santiago, 2014.

Segundo os resultados finais apurados nos Censos (Censos, 2011), esta freguesia tem uma população residente de 4632 indivíduos, sendo que destes 2206 são homens e 2426 são mulheres. A população com 65 ou mais anos, representa 22,58% da população total, dentro da população activa, o sector primário é o sector com menos representatividade, 12,34% e a taxa de analfabetismo é de 11,57% (figuras 2 e 3).

A caracterização do meio físico e actividades da aldeia de Santa Catarina é baseada em informação recolhida sobre o concelho de Alcácer do Sal, verificada a falta de dados específicos sobre aldeia em estudo.

Assim, a característica mais saliente desta região, é a nítida influência mediterrânica, traduzida por um Verão pronunciado e seco e um inverno relativamente ameno. A precipitação concentra-se nos meses de Inverno e verifica-se variabilidade inter-anual da mesma (Costa, 2009).

De acordo com os dados do Anuário Estatístico da Região Alentejo, 2010, o mês mais quente do ano é Agosto com temperatura média de 25,2°C, sendo o mais frio, o mês de Fevereiro, com temperatura média de 10,3°C. No que respeita à precipitação, Dezembro é o mês em que chove mais, 184,7mm e Julho o mês em que chove menos, 0,0 mm, existindo 247 dias do ano, em que não ocorre precipitação.

Verifica-se a existência de uma grande variedade de actividades, nomeadamente importantes áreas de exploração agrícola e florestal. No que respeita às culturas agrícolas, registam-se o arroz, o milho, o tomate, o sorgo, a batata e a beterraba, bem como pomares, hortas prados e vinha. No que respeita à estrutura fundiária predominam a pequena e média propriedade, destacam-se nas culturas florestais, o sobreiro, o pinheiro bravo, o pinheiro manso e o eucalipto, e salienta-se ainda a existência de inúmeros biótopos, como as salinas, os sapais e os caniçais (Pereira *et al.* 2005).

3.1.2.3. Vale de Vargo

Vale de Vargo é uma freguesia rural pertencente ao concelho de Serpa, distrito de Beja, sub-região Baixo Alentejo (figura 8).



Fig. 8 Localização da Freguesia de Vale de Vargo no concelho de Serpa. Fonte: DFR Informática, 2014.

Segundo os resultados finais apurados nos Censos (2011) a população residente é de 968 indivíduos, sendo que destes, 477 são homens e 491 são mulheres. A população com 65 ou mais anos representa 26,19% da população total, o sector secundário é o sector com menos representatividade, ocupando o sector primário 26,75% da população activa e a taxa de analfabetismo é de 15,45% (figuras 2 e 3).

Em termos climáticos a região apresenta um clima mediterrâneo de características temperadas, por vezes com períodos plurianuais de seca. A temperatura média anual ronda os 16°C e a precipitação média anual é de 497 mm/ano. É característico um período quente e seco de quatro meses, entre Junho e Setembro em que praticamente não chove e um semestre húmido de Outubro a Março, que concentra 75% da precipitação anual (Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios Florestais do Concelho de Serpa, 2007).

Segundo o Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios Florestais do Concelho de Serpa 2007, na Freguesia de Vale de Vargo 5227,7 ha corresponde à área de solos utilizados para a agricultura, enquanto 512,6 ha corresponde a área ocupada por floresta, onde a espécie predominante é a azinheira.

No que se refere à flora espontânea, tomaram-se em consideração as saídas de campo e a proximidade geográfica, para validar a representatividade no local de estudo, de dados do Parque Natural do Vale do Guadiana.

Assim, destaca-se a existência de unidades florísticas únicas, associadas aos cursos de água mediterrânicos intermitentes, sendo as espécies mais características o Loendro (*Nerium oleander*), a Tamargueira (*Tamarix africana*) e o Tamujo (*Securinega tinctoria*), e em encostas declivosas, o Zimbro (*Juniperus communis*). A flora da região é bastante rica em plantas aromáticas e medicinais, onde se destacam o Rosmaninho (*Lavandula* spp.), o Alecrim (*Rosmarinus officinalis*), a Erva-Ursa (*Thymus mastichina*), a Murta (*Myrtus communis*), a Mariola (*Phlomis purpurea*), o Oregão (*Origanum vulgare*) e o Poejo (*Mentha pulegium*) (PNVG-ICN, 2006).

3.2. Etnobotânica

A história das investigações etnobotânicas é longa e rica, apesar de ser uma área científica recente (Carvalho, 2006), sendo que o primeiro registo data de 1495 a. C. sobre uma missão para recolha de árvores de incenso e mirra, ao País do Ponto,

ordenada pela Rainha-Faraó Hatshepsut. Também os Aztecas enviavam missões a províncias longínquas a fim de serem recolhidas novas plantas medicinais e ornamentais.

Harshberger foi a primeira pessoa a utilizar o termo “Etnobotânica”, em 1895, cuja origem etimológica se encontra nos prefixos etno, do grego raça ou povo, e botânica, do grego ciência ou conhecimento das plantas (Dias, 2003). Segundo Carvalho (2006) a etnobotânica pode ter quatro objectivos fundamentais: 1- elucidar o estágio de desenvolvimento cultural das tribos, de acordo com o uso das plantas e dos produtos delas derivados; 2- estudar a distribuição das plantas no passado; 3- conhecer as antigas rotas comerciais através das quais se promovia a troca de plantas e produtos vegetais; 4- estudar o uso das plantas cujas propriedades se desconhecem.

O conceito de “etnobotânica” foi sofrendo evoluções ao longo do tempo, através de diferentes perspectivas de vários autores, de entre as quais destaca: 1919- Robbins *et al.*, dizem que não é apenas o registo do uso das plantas, mas também os conceitos tradicionais sobre o ambiente; 1932- Gilmore, diz não ser apenas a botânica económica tribal, mas todo o conhecimento tradicional sobre as plantas e o seu ciclo de vida; 1940- Schalles, refere-se à etnobotânica como o estudo das relações existentes entre os humanos e o seu ambiente vegetal; 1995- Martin, inclui na designação todos os estudos que descrevam as interacções entre os povos e o seu ambiente natural (Carvalho (2006).

A etnobotânica é actualmente considerada como uma ciência multidisciplinar que emprega metodologias de outras ciências, principalmente das ciências sociais e da botânica, para estudar as interacções entre o Homem, o mundo vegetal, o ecossistema e o meio ambiente (Carvalho, 2007).

Tem uma forte componente antropológica, na medida em que estuda as interacções entre os indivíduos e as plantas, em sistemas dinâmicos, bem como as aplicações e usos tradicionais das mesmas, pelo ser humano (Rodrigues *et al.*, S.D.).

Para Carvalho (2006), a investigação etnobotânica permite registar e recuperar o conhecimento que permanece após uma longa adaptação ao ecossistema, onde determinada comunidade se desenvolveu.

Rodrigues (2001) refere a importância dos estudos etnobotânicos como fornecedores de orientações valiosas à investigação fitoquímica e farmacológica, na procura de novos fármacos, servindo de base a estudos químicos que analisem os compostos presentes nas plantas e testem as suas actividades biológicas e aplicações fármaco-terapêuticas.

Sendo a etnobotânica uma ciência que enfatiza mais a observação do que a experimentação, estuda o uso das plantas dentro de um determinado contexto cultural, geralmente dentro de comunidades tradicionais, estudando o modo como o Homem envolve as plantas nas suas tradições culturais (Balik e Cox, 1996 cit Mendonça, 2007).

Carvalho (2006) relaciona a etnobotânica a um património cultural de botânica popular, que no nosso país se encontra ainda pouco explorado, apesar de diversos investigadores portugueses desenvolverem trabalhos de determinação e catalogação de espécies úteis de plantas aromáticas, medicinais e de pastagens herbáceas.

Em Portugal, estudos recentes revelam que o conhecimento e a prática da utilização de plantas para fins medicinais ainda existe, principalmente em zonas onde a vegetação se mantém mais preservada (Santos, 2007).

Na óptica de Carvalho (2007) o conhecimento empírico das comunidades rurais é uma ferramenta basilar da etnobotânica, uma vez que permite compreender as razões do uso e selecção de determinadas espécies vegetais, para fins específicos.

A importância da etnobotânica na preservação dos conhecimentos populares acerca do uso das plantas, é fundamentada por Rodrigues (2001) com base na realidade da cultura globalizada vivida actualmente, que facilita o desenraizamento dos conhecimentos populares, existindo por isso, urgência na preservação dos saberes tradicionais.

De acordo com Rodrigues *et al.* (2009), encontra-se na etnobotânica um início da valorização do saber tradicional, onde respeitando os direitos de propriedade intelectual das comunidades locais, se garantem também as condições necessárias à manutenção de estruturas socio-culturais, num processo de reprodução do saber tradicional, associado a interesses económicos e ambientais.

3.2.1 Etnobotânica e Conservação de Recursos Genéticos

Desde os primórdios da humanidade que o Homem sempre dependeu das plantas, ao utilizá-las como alimento, medicamento, construção de abrigo, etc (Cunha, 2007).

O uso popular das plantas varia com a flora existente em determinada região, afirma Cunha (2007) que defende que ainda hoje é possível fazer o seu estudo nas sociedades contemporâneas, mais ou menos primitivas. O mesmo autor refere ainda que

o fato de a rápida mudança no modo de vida das sociedades rurais estar a fazer desaparecer a sua medicina popular, apoiada em grande parte na flora local, aumenta o risco iminente da perda total de tais conhecimentos e confere ao seu registo o estado de necessidade urgente.

Lopes (2005) realça a problemática da perda do conhecimento popular que era passado de geração em geração, sendo que muitos projectos de investigação nunca tiveram em conta os conhecimentos empíricos de quem lida directa e diariamente com os recursos naturais. O autor defende a ideia de que o Homem dos nossos dias perdeu a noção da sua relação íntima com a natureza, aumentando a sua fragilidade enquanto espécie, já que provoca constantes alterações no seu ecossistema sem medir as consequências. A etnobotânica pode funcionar como ferramenta para inversão desta tendência, na medida em que esta se ocupa das inter-relações entre o Homem e as plantas.

Actualmente, a conservação dos recursos genéticos é uma das questões mais importantes e controversas da humanidade, Os ecossistemas encontram-se sujeitos a grandes mudanças climáticas e fortes pressões antropogénicas, sendo a erosão e perda de diversidade genéticas, uma realidade (Draper *et al.*, 2004).

A conservação dos recursos genéticos ganha outra dimensão, podendo ser feita de duas formas: a conservação *in situ*, que é feita no local de origem das espécies, populações ou habitats, onde as Áreas Protegidas e os Jardins Botânicos, têm o papel fundamental; a conservação *ex situ*, feita fora do local de origem das espécies (Draper *et al.*, 2004).

Se por um lado o conhecimento sobre as plantas e as suas virtudes levaram à sua investigação científica e como tal permitiram o avanço da medicina, defende por outro lado, foi no seio das comunidades rurais que se estabeleceu a mais íntima relação entre o Homem e as plantas, relação esta muitas vezes fulcral para a preservação da variedade florística, a par do avanço das populações e sua sobrevivência individual (Rodrigues, 2002).

Os estudos etnobotânicos contribuem para a correcta gestão dos recursos vegetais de uma determinada área, na medida em que ajudam a perceber a relação Homem-Natureza e a compreender a influência que o Homem exerce sobre o ambiente que o rodeia. No entanto o gradual desinteresse e ignorância que muitas vezes se verifica em relação ao uso das plantas, pode levar a uma perda da biodiversidade, pois a

tendência é preservar o que se valoriza e conhece, deixando destruir facilmente o que se desconhece e não dá proveitos directos (Rodrigues, 2001).

O facto do estudo das plantas utilizadas na alimentação de animais domésticos ou consumidas por animais selvagens receber ainda pouca importância, é salientado por Carvalho (2005), embora estas constituam importantes recursos para as populações locais. Esta informação é determinante na compreensão da ligação tradicional das populações aos ecossistemas circundantes e sua conservação.

O contributo da etnobotânica para a agro-ecologia, é realçado por Rodrigues (2001) na medida em que a recolha de conhecimento sobre culturas mais esquecidas ou marginalizadas e sistemas agrícolas tradicionais abandonados, volta a ganhar novos interesses, valorizando ecossistemas, contribuindo para o desenvolvimento das comunidades locais e conservando o património cultural etnobotânico.

3.3. Etnoveterinária

Segundo Monteiro (2010), a etnoveterinária surge no mesmo contexto da etnobotânica, na medida em que estuda o uso tradicional das plantas, no tratamento dos animais.

O termo “etnoveterinária” foi utilizado pela primeira vez na década de 80 do século passado, por McCorkle, para definir o uso do conhecimento, práticas, habilidades e crenças populares relativas à saúde animal (Monteiro, 2010).

A etnoveterinária é assim, a ciência que envolve a opinião e o conhecimento de práticas populares utilizadas para a prevenção ou tratamento de doenças que atingem os animais (Mathius-Mundy e McCorkle, 1989 citados por Almeida e Freitas, 2006)).

Numa perspectiva de validação do conhecimento popular, a etnoveterinária estuda as práticas das populações nos cuidados que têm com a saúde dos seus animais, onde a fitoterapia se assume como ciência cada vez mais utilizada (Monteiro, 2010).

3.3.1. Fitoterapia

O tratamento das doenças dos animais com recurso a plantas, é um método simples e económico designado por fitoterapia (Almeida *et al.*, 2006).

Enquanto modalidade terapêutica que emprega as plantas na prevenção ou tratamento de doenças, a fitoterapia tem-se mantido ao longo do tempo, sofrendo nas últimas décadas um grande incremento, segundo CUNHA *et al.* (2007), devido principalmente ao uso crescente de medicamentos à base de plantas.

O ressurgimento da fitoterapia, deve-se, segundo a Unioeste (2002) ao alto custo dos medicamentos sintéticos, bem como aos efeitos colaterais detectados no decorrer da sua utilização.

4. Metodologia

Este trabalho foi realizado em três aldeias do Alentejo entre Outubro de 2012 e Setembro de 2013.

Os dados foram obtidos através de saídas de campo, por meio de entrevistas etnobotânicas (65 entrevistas), que permitiram recolher informações sobre doenças dos animais e plantas utilizadas para curar ou prevenir essas doenças, bem como o seu modo de utilização.

Estabeleceu-se a quantidade de vinte entrevistas efectivadas, como limite mínimo de entrevistas em cada aldeia, à semelhança do trabalho realizado por SHEN (2010) podendo-se ultrapassar esse limite mínimo, sempre que a existência de mais informantes e informação o justificasse.

4.1. Selecção das Aldeias

Para a selecção das aldeias do estudo foi tida em consideração a abrangência de todo o Alentejo, como tal, desde início houve a preocupação em seleccionar aldeias em partes distintas deste vasto território, de modo a reflectir o mais fielmente possível a realidade.

A predominância da ruralidade foi outro factor decisivo, uma vez que nos meios rurais a agricultura de subsistência sempre foi e ainda é uma prática corrente, aumentando a possibilidade de se obter e registar conhecimentos que passam de geração em geração.

Assim foi seleccionada uma aldeia no Alto Alentejo (Alegrete), outra no Baixo Alentejo (Vale de Vargo) e outra no Alentejo Litoral (Santa Catarina), pois tendo em conta trabalhos de campo prévios realizados pela equipa, considerou-se que estas aldeias produziram resultados interessantes.

4.2. Entrevistas Etnobotânicas

O método utilizado para a recolha de informação etnobotânica, foi o da entrevista semi-estruturada, que consistiu em abordagens directas e informais ao domicílio dos possíveis informantes.

Primeiramente foi feita uma apresentação e esclarecimentos sobre o motivo da nossa visita, após o que se seguiu a primeira selecção entre quem tinha e quem não tinha conhecimentos para transmitir (potenciais informantes).

Depois de identificados os informantes, a quem se solicitou para além do nome e idade, dados como profissão e nível de escolaridade, de acordo com o questionário previamente elaborado (anexo 1).

As entrevistas decorreram num ambiente descontraído, como indicam as figuras 9, 10 e 11, onde imperou a liberdade na transmissão de conhecimentos, muitas vezes através de relatos de situações concretas experienciadas pelos próprios.



Fig.9 Entrevista semi-estruturada na Aldeia de Alegrete



Fig.10 Entrevista semi-estruturada na Aldeia de Santa Catarina



Fig.11 Entrevista semi-estruturada na Aldeia de Vale de Vargo

No decorrer das entrevistas foram registadas as plantas utilizadas, os usos das mesmas, o modo de preparação e aplicação, os animais alvo dos tratamentos e as doenças a combater.

Em alguns casos houve necessidade de proceder à confirmação da identificação de plantas com o informante, através de deslocações ao campo ou através do reconhecimento de amostras de exemplares em verde, uma vez que foram utilizados nomes populares locais para designar algumas espécies.

Para complementar as entrevistas, recolheram-se algumas espécies de plantas referidas pelos informantes, que depois de devidamente preparadas, está previsto serem depositadas no Herbário do Instituto Superior de Agronomia. Efectuou-se também registo fotográfico.

A identificação de plantas citadas e herborizadas foi realizada pela equipa da ESAE constituída pela autora deste trabalho e pelas suas orientadoras (Orlanda Póvoa e Noémia Farinha). Foi também utilizada bibliografia, nomeadamente: A Serra de Portel – Flora e Vegetação (Beliz, 1990); Flora Digital de Portugal (UTAD, 2014), assim como Floras de referência disponíveis na biblioteca da ESAE (Franco 1984 a 1998; Valdés *et. al* (1987).

No que respeita à forma como as plantas são utilizadas no combate ou prevenção das doenças dos animais, foram consideradas no decurso deste trabalho, as seguintes preparações-tipo:

Natural - consideraram-se todas as situações em que as plantas são utilizadas directamente sem sofrerem qualquer tipo de alteração;

Piso - consideraram-se as situações em que se cortam, picam ou esmagam as plantas, a fim de potenciar o seu suco;

Infusão – visa a utilização das partes mais frágeis da planta, como é o caso das flores e algumas folhas que libertam mais facilmente as suas propriedades medicinais, sob as quais é vertida água a ferver, tapando em seguida. Consideraram-se as situações em que o contacto de plantas com água a ferver é inferior a 5 minutos;

Tisana – é normalmente utilizada para as partes mais duras das plantas, como é o caso de raízes, caules e algumas folhas, deixando ferver até reduzir parte substancial da água inicial. Consideraram-se as situações em que o contacto de plantas com água a ferver é entre 5 e 30 minutos;

Xarope - consideraram-se todas as situações em que houve referência a mistura de açúcar ou mel e plantas deixando ferver até tomar a consistência de um xarope;

Fumo - considerou-se o acto de queimar as plantas a fim de utilizar o fumo libertado por elas;

Pasta - Consideraram-se as situações em que houve maceração de plantas até formar consistência e às quais se juntou azeite ou outro tipo de gordura.

4.3. Tratamento de Dados

Os dados que foram recolhidos e registados em fichas de campo (questionário) nas entrevistas etnobotânicas, foram trabalhados recorrendo ao método quantitativo, utilizando folhas de cálculo Excel.

Foi considerada uma citação para cada referência a planta, animal, grupo de doença/problema e preparação tipo.

No caso das misturas foi definida uma citação para cada uma das plantas da mistura. Nos casos em que foram referidos tratamentos para mais de um grupo de animais, considerou-se uma citação por tipologia de animal.

5. Resultados e Discussão

5.1. Informantes

Os dados obtidos sobre os informantes revelam que, em Alegrete foram abordadas 57 pessoas, das quais 24 (1,4% da população da freguesia) já usaram ou ainda usam plantas no tratamento de animais (figura 12).

A idade média destes informantes é de 74,4 anos (figura 13), sendo que 66,7% tem idade superior a 70 anos, 12,5% tem idade inferior a 50 anos, 8,3% têm idade entre 50 e 60 anos e 12,5% idade entre 60 e 70 anos.

Destas pessoas, mais de metade, 54,2%, são do sexo feminino e 45,8% do sexo masculino, sendo que a maioria é iletrado, 41,7%, ou tem o 1.º ciclo de escolaridade, 41,7% (figura 14).

No que respeita à situação profissional, 66,7% dos informantes de Alegrete, estão em situação de reforma, 4,2% são agricultores e 29,2% têm outra profissão. Na maioria a actividade destas pessoas foi, ou ainda é, a agricultura e o trabalho rural, exceptuando as pessoas em situação activa com outra profissão (figuras 15 e 16).

Precisamente metade das pessoas entrevistadas nesta aldeia, ainda usa as plantas no tratamento dos seus animais e quem já não usa, deixou de o fazer há mais de 20 anos, sendo que 58,3% destes, não o faz há mais de 40 anos.

O modo como adquiriram estes conhecimentos foi principalmente pela tradição oral ou ambiente social, sendo a aquisição de conhecimentos pela experiência pouco significativa e a aquisição de conhecimentos através de livros com expressão nula (figura 14).

Na aldeia de Santa Catarina foram efectuadas 30 abordagens a pessoas, das quais 21 (0,5% da população da freguesia) resultaram em entrevistas validadas, pois essas pessoas já usaram ou ainda usam plantas no tratamento de animais (figura 12).

A média da idade dos informantes desta aldeia é 66,9 anos, sendo que 52,4% tem idade superior a 70 anos e 19% idade inferior a 50 anos, 9,6% tem idade entre 50 e 60 anos e 19% idade entre 60 e 70 anos (figura 13).

Os homens entrevistados em Santa Catarina representam 66,7% dos informantes, sendo a representatividade feminina equivalente a 33,3%. O nível de escolaridade é baixo: maioritariamente 1.º ciclo ou iletrado (figura 14).

Quanto às profissões, apurou-se que nesta aldeia 57,1% dos informantes estão em situação de reforma, 14,3% são agricultores e 28,6% têm outra profissão (figura 15).

Relativamente ao uso das plantas, 57% dos informantes de Santa Catarina já não usa as plantas no tratamento de animais. Destes, 50% deixou de as usar há menos de 20 anos, 16,7% não as usa entre 30 e 40 anos e 33,3% há mais de 40 anos.

Os conhecimentos sobre uso das plantas no tratamento dos animais, foram adquiridos principalmente pela tradição oral, tendo pouca expressão a aquisição do conhecimento pelo ambiente social ou experiência, não havendo registo de aquisição do conhecimento por meio de livros (figura 17).

Em Vale de Vargo foram abordadas 38 pessoas, das quais 20 (2,1% da população da freguesia) deram origem a entrevistas validadas (figura 12).

A idade média dos informantes desta aldeia é 70,3 anos (figura 13) e 55% tem idade superior a 70 anos, 15% inferior a 60 anos e 30% tem idade entre 60 e 70 anos. A maioria são homens (55%) (figura 13).

O 1.º ciclo é o nível de escolaridade predominante dos informantes em Vale de Vargo e a taxa de analfabetismo representa 10% (figura 14).

40% das pessoas entrevistadas em Vale de Vargo, encontram-se na situação de reforma, 30% são agricultores e 30% têm outra profissão (figura 15).

No que respeita ao uso das plantas, 45% dos informantes desta aldeia, ainda recorre às plantas para tratar os seus animais, dos restantes 55% que já não usam as plantas, 18,2% deixou de as usar há menos de 20 anos e 27,3% há mais de 40 anos.

Neste local, a transmissão de conhecimento sobre o uso das plantas no tratamento de animais, foi efectuada predominantemente através do ambiente social, assumindo a transmissão pela tradição oral e pela experiência, pouco significado, não havendo registo sobre a transmissão destes conhecimentos através dos livros (figura 17).

Comparando as 3 aldeias, como se pode verificar na figura 13, a média de idades mais elevada é verificada na aldeia de Alegrete e a mais baixa na aldeia de Santa Catarina, este facto vai de encontro aos dados revelados pelos Censos 2011, em que Alegrete é o local onde o grupo etário de pessoas com idade igual ou superior a 65 anos tem maior percentagem e Santa Catarina é a aldeia onde o mesmo grupo etário tem menor valor.

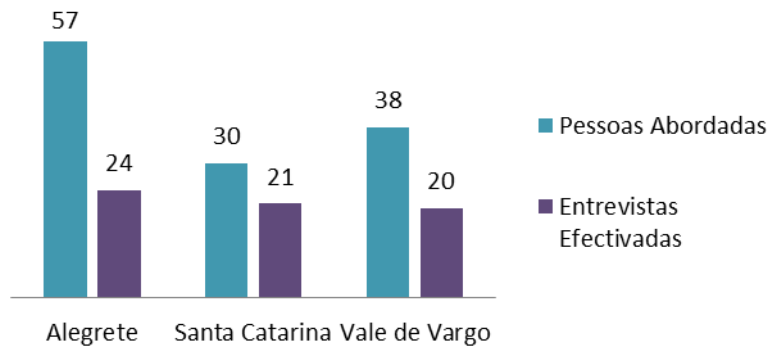


Fig.12 Relação entre o número de Pessoas Abordadas e Entrevistas Efectivadas nas 3 aldeias do estudo.

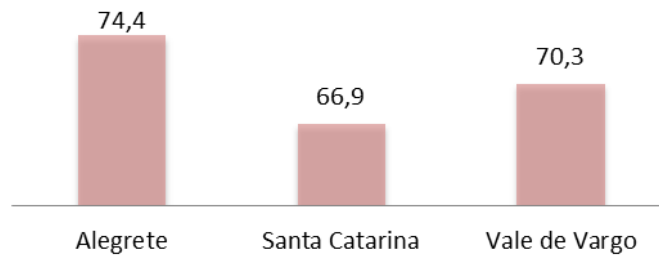


Fig.13 Média da Idade dos Informantes em Cada Aldeia

Situação semelhante em que os dados dos censos corroboram a realidade encontrada no terreno, ocorre no nível de escolaridade (figura 14), em que as pessoas entrevistadas nas três aldeias do trabalho, têm baixa ou nenhuma escolaridade. Também os dados dos censos 2011 revelam que mais de 10% da população destas aldeias é analfabeta.

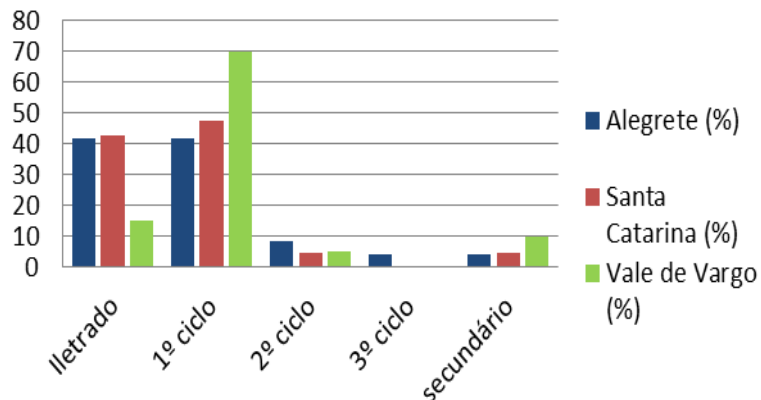


Fig.14 Nível de Escolaridade dos Informantes nas 3 aldeias do estudo

O sector primário, onde a agricultura e o trabalho rural se incluem, segundo os dados dos censos 2011 é um sector que na aldeia de Vale de Vargo ocupa mais de um quarto da população, assumindo expressão menos significativa nas aldeias de Alegrete e Santa Catarina, ainda assim em ambas se verificam valores de 12%. No apurado no trabalho de campo, como se vê nas figuras 15 e 16, talvez por a maioria dos informantes pertencerem a uma faixa etária elevada, constata-se que a maioria esteve ou ainda está ligada ao sector primário e como tal, ao contacto directo com animais e plantas. Dos informantes em idade ativa é em Vale de Vargo que a ocupação na agricultura tem maior representatividade (30%).

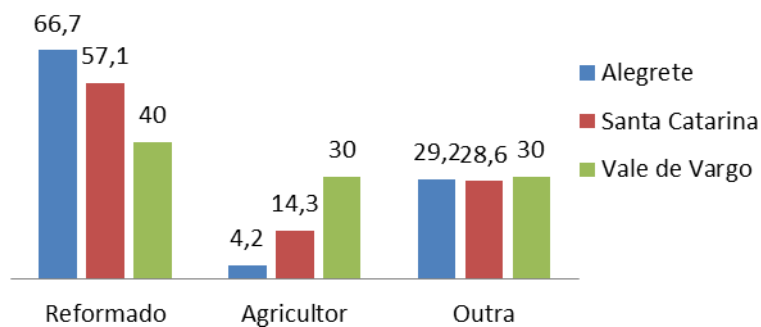


Fig.15 Profissões Actuais dos Informantes nas 3 aldeias do estudo.

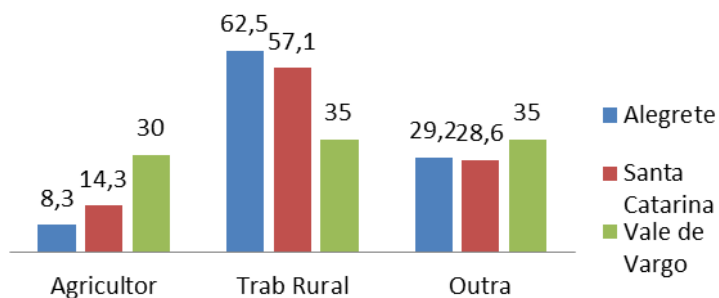


Fig.16 Profissões Actuais e antigas (no caso dos informantes reformados) dos informantes nas 3 aldeias do estudo.

No seguimento do referido anteriormente, em Santa Catarina e Vale de Vargo, mais de 50% das pessoas abordadas, utiliza ou já utilizou plantas no tratamento de animais e em Alegrete, 42.2%, revelando que ainda é prática corrente ou conhecida.

Nas três aldeias, das pessoas que têm conhecimentos sobre o uso das plantas nos animais, aproximadamente metade ainda recorre a elas actualmente, para tratamentos aos animais.

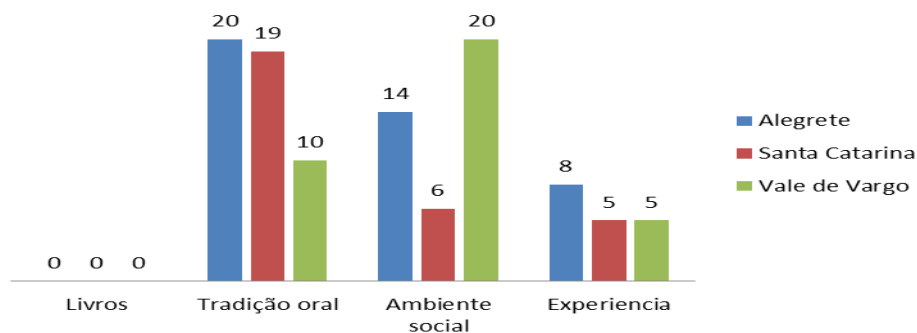


Fig.17 Forma de aquisição de conhecimentos sobre utilização de plantas no tratamento de problemas de saúde animal nas 3 aldeias do estudo.

Constata-se (figura 17) que foi principalmente pela tradição oral ou ambiente social que os entrevistados adquiriram o conhecimento sobre fitoterapia animal o que se julga ter fundamento no modo de vida em comunidade e de entre ajuda existente nas aldeias rurais e de pequenas dimensões, onde a sobrevivência e subsistência das famílias é preocupação comum.

5.2. Plantas

No trabalho de campo decorrido na aldeia de Alegrete foram identificadas 32 plantas diferentes, utilizadas em fitoterapia. Refira-se que não foi possível identificar separadamente em nenhuma das aldeias, os dois géneros diferentes da Malva (*Lavatera spp* ou *Malva spp.*).

Na figura 18, encontra-se o registo das plantas citadas e o número de vezes, transformado em percentagem, cujo uso das mesmas foi referido para o tratamento de animais, utilizadas individualmente ou em mistura com outras plantas.

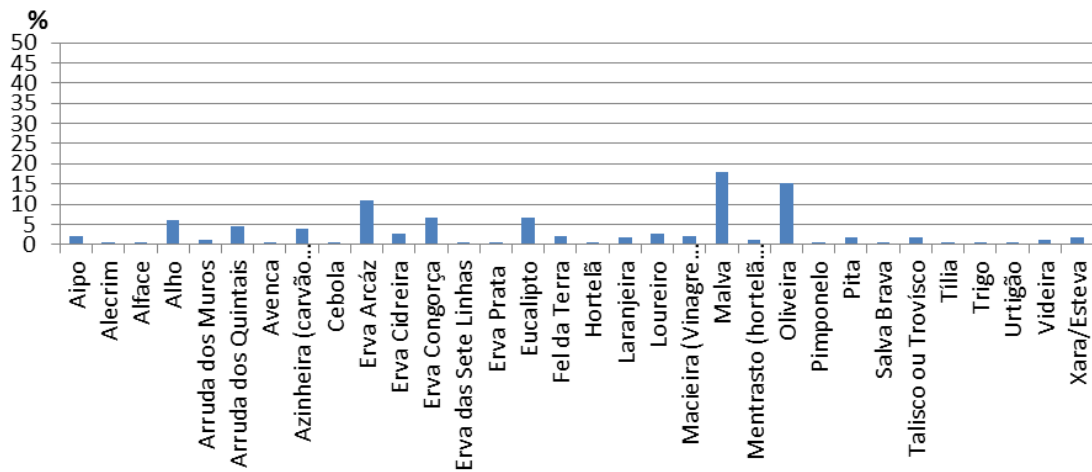


Fig.18 Importancia Relativa (%) das Plantas Citadas na Aldeia de Alegrete

Nesta aldeia, a planta mais vezes referida foi a malva (*Lavatera spp* ou *Malva spp.*), citada em 18,03% das entrevistas, seguida do azeite, proveniente da azeitona, fruto da oliveira (*Olea europaea*), que foi citado em 13,30% das entrevistas e da erva arcaz (*Xolantha tuberaria*), com 10,93% de citações.

Das 32 plantas distintas identificadas pelos informantes de Alegrete, 12 delas foram citadas apenas 0,55% do número total de citações, este facto pode ser indicador de perda de conhecimento sobre o uso popular de plantas para fins medicinais, neste caso concreto, aplicado em animais. Este resultado está de acordo com Cunha (2007), que sinaliza como estado de necessidade urgente, o registo do conhecimento sobre a medicina popular, visto a rápida mudança do modo de vida das comunidades rurais estar a levar ao desuso desta prática e ao conseqüente desaparecimento de tais conhecimentos.

Confirma-se ainda a realidade de grande diversidade em termos de espécies florísticas existente nesta aldeia, situada em território de reserva natural, e de acordo com Antunes (S/D), que refere a existência de cerca de oitocentas espécies de flora, espontânea e subespontânea, no Parque Natural da Serra de S. Mamede.

Na aldeia de Santa Catarina, o trabalho de campo permitiu a identificação de 25 plantas diferentes.

Encontra-se na figura 19 o registo das plantas citadas em Santa Catarina, bem como a transformação em percentagem, do número de vezes que as mesmas foram referidas, quer individualmente ou em mistura com outras plantas.

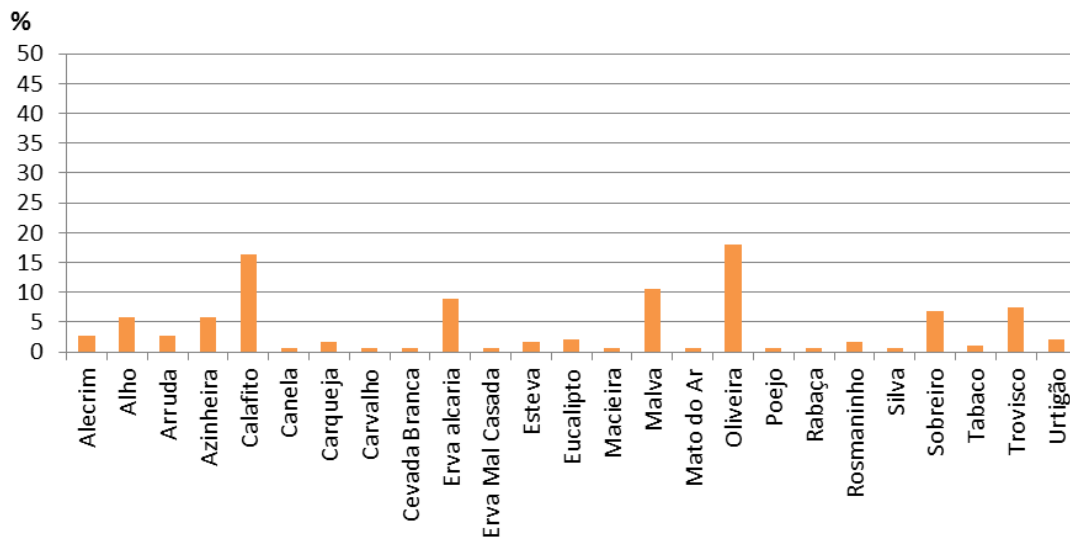


Fig.19 Importancia relativa (%) das Plantas Citadas na Aldeia de Santa Catarina

A planta mais vezes referida nesta aldeia foi a oliveira (*Olea europaea*), mais precisamente o azeite originário do seu fruto, citada em 17,99% das entrevistas, seguida do calafito (*Hypericum tomentosum*), com 16,40% de citações e da malva (*Lavatera spp, Malva spp.*), com 10,58%.

Nesta local de estudo, 9 das 25 plantas identificadas nas entrevistas, têm representatividade de 0,53%, verificando-se situação semelhante à da aldeia de Alegrete (indicação de perda de conhecimentos sobre a utilização de plantas no tratamento de animais).

No trabalho de campo efectuado na aldeia de Vale de Vargo foram identificadas 19 plantas diferentes.

O registo das plantas citadas em Vale de Vargo, bem como o número de vezes que foram referidas, transformado em percentagem, quer pela sua utilização individual ou em mistura com outras plantas, encontra-se na figura 20.

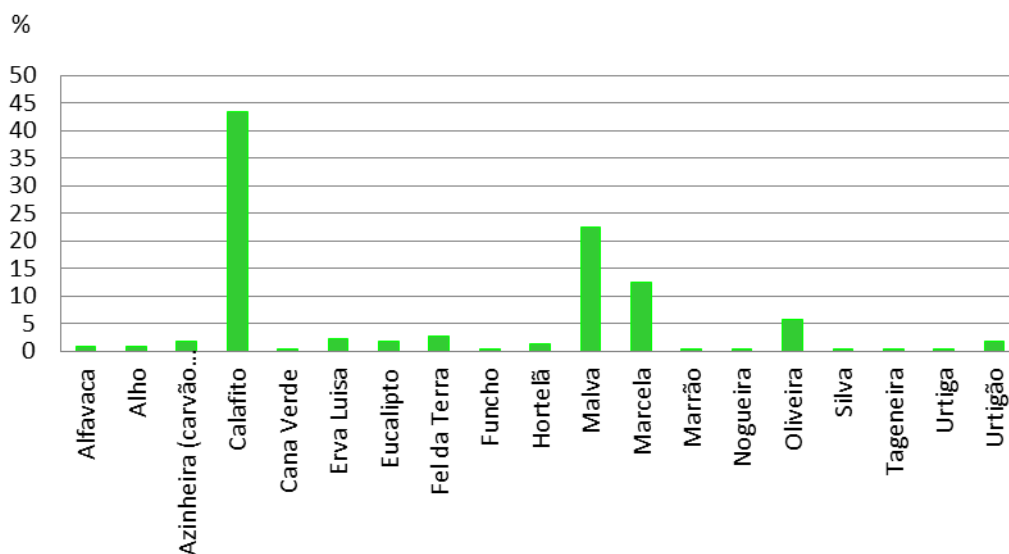


Fig. 20 Importancia relativa (%) das plantas Citadas na Aldeia de Vale de Vargo

Nesta aldeia, a planta mais citada foi o calafito (*Hypericum tomentosum*), com 43,53% de citações. Note-se que quase metade das entrevistas referiu esta planta. A malva (*Lavatera spp. ou Malva spp.*) foi citada em 22,41% das entrevistas e a marcela (*Anthemis cotula*) em 12,50%. Destacam-se ainda os 5,60% da oliveira (*Olea europaea*), pelas citações que referiram o uso do azeite. As restantes plantas têm representação pouco relevante.

Esta é a aldeia com menos plantas referidas para tratamento de animais, em que os conhecimentos se concentram na sua maioria nas quatro plantas já referidas.

No conjunto do trabalho realizado nas três aldeias, foram identificadas 56 espécies de plantas diferentes, como se pode verificar no quadro 5, onde se destacam, a sublinhado, as espécies mais citadas. Para os nomes populares menos conhecidos, foram recolhidos exemplares para herbário (anexo2), no entanto existem algumas plantas que não foram identificadas devido à impossibilidade de deslocação ao campo por limitações físicas dos informantes e por algumas plantas se terem tornado raras e inacessíveis.

Quadro 5 – Espécies de Plantas Mais Citadas

PLANTAS	ALEGRETE (%)	SANTA CATARINA (%)	VALE DE VARGO (%)	Total das entrevistas (%)
Aipo/Rabaça (<i>Apium graveolens</i>)	2,19	0,53		0,83
Alecrim (<i>Rosmarinus officinalis</i>)	0,55	2,65		0,99
Alface (<i>Lactuca sativa</i>)	0,55			0,17
Alfavaca (<i>Parietaria judaica</i>)			0,86	0,33
Alho (<i>Allium sativum</i>)	6,01	5,82	0,86	3,97
Arruda dos Muros (<i>Ruta chalepensis</i>)	1,09			0,33
Arruda dos Quintais (<i>Ruta graveolens</i>)	4,37	2,65		2,15
Avenca (<i>Adiantum capillus-veneris</i>)	0,55			0,17
Azinheira (carvão vegetal) (<i>Quercus rotundifolia</i>)	3,83	5,82	1,72	3,64
Calafito (<i>Hypericum tomentosum</i>)		16,40	43,53	21,85
Cana Verde (<i>Arundo donax</i>)			0,43	0,17
Canela (<i>Cinnamomum zeylanicum</i>)		0,53		0,17
Carqueja (<i>Chamaespartium tridentatum</i>)		1,59		0,5
Carvalho (folha perene) (<i>Quercus coccifera</i>)		0,53		0,17
Cebola (<i>Allium cepa</i>)	0,55			0,17
Cevada Branca (<i>Hordeum vulgare</i>)		0,53		0,17
Erva Arcáz/Erva Alcaida (<i>Xolantha tuberaria</i>)	10,93	8,99		6,13
Erva Cidreira (<i>Melissa officinalis</i>)	2,73			0,83
Erva Congorça (<i>Vinca minor</i>)	6,56			1,99
Erva das Sete Linhas (<i>Plantago major</i>)	0,55			0,17
Erva Luísa (<i>Aloysia triphylla</i>)			2,16	0,83
Erva Mal Casada (não identificada)		0,53		0,17
Erva Prata (<i>Paronychia argentea</i>)	0,55			0,17

Eucalipto (<i>Eucalyptus globulus</i>)	6,56	2,12	1,72	3,31
Fel da Terra (<i>Centaureum erythraea</i>)	2,19		2,59	1,66
Funcho (<i>Foeniculum vulgare</i>)			0,43	0,17
Hortelã (<i>Mentha spicata</i>)	0,55		1,29	0,66
Laranjeira (<i>Citrus x sinensis</i>)	1,64			0,50
Loureiro (<i>Laurus nobilis</i>)	2,73			0,83
Macieira		0,53		0,17
Macieira (Vinagre de Cidra) (<i>Mallus domestica</i>)	2,19			0,66
Malva (<i>Malva</i> spp., <i>Lavatera</i> spp.)	18,03	10,58	22,41	17,38
Marcela (<i>Anthemis cotula</i>)			12,50	4,80
Marrão (por identificar)			0,43	0,17
Mato do Ar (por identificar)		0,53		0,17
Mentrassto (hortelã brava) (<i>Mentha suaveolens</i>)	1,09			0,33
Nogueira (<i>Juglans regia</i>)			0,43	0,17
Oliveira (<i>Olea europaea</i>)	15,30	17,99	5,60	12,42
Pimponelo (<i>Sanguisorba verrucosa</i>)	0,55			0,17
Pita (<i>Agave americana</i>)	1,64			0,50
Poejo (<i>Mentha pulegium</i>)		0,53		0,17
Rosmaninho (<i>Lavandula stoechas</i>)		1,59		0,50
Salva Brava (<i>Phlomis lychnitis</i>)	0,55			0,17
Silva (<i>Rubus sampaioanus</i>)		0,53	0,43	0,33
Sobreiro (<i>Quercus suber</i>)		6,88		2,15
Tabaco (<i>Nicotiana tabacum</i>)		1,06		0,33
Tageneira/Tasneira (<i>Senecio</i> sp.)			0,43	0,17
Talisco ou Trovísco (<i>Daphne gnidium</i>)	1,64	7,41		2,81
Tília (<i>Tilia platyphyllos</i>)	0,55			0,17
Trigo (<i>Triticum aestivum</i>)	0,55			0,17
Urtiga (<i>Urtica urens</i>)			0,43	0,17
Urtigão (<i>Urtica dioica</i>)	0,55	2,12	1,72	1,49
Videira (<i>Vitis vinifera</i>)	1,09			0,33
Xara/Esteva (<i>Cistus ladanifer</i>)	1,64	1,64		0,99

A aldeia onde foram citadas mais plantas utilizadas em tratamento de animais, é Alegrete e a aldeia onde foram citadas menos plantas é Vale de Vargo.

Verifica-se que há plantas cuja referência da sua utilização é registada somente numa das aldeias. Este facto pode ser justificado por um lado, pelas diferentes características edáfo-climáticas, que propiciam diferentes espécies florísticas adaptadas às condições existentes nos diferentes locais deste estudo e por outro lado, pela finalidade do tratamento, onde as doenças a prevenir ou combater, bem como os animais alvo, originam a necessidade de recorrer ao uso de diferentes plantas.

O uso de algumas plantas é comum às três aldeias, mais precisamente, 6 das 56 espécies totais. Estão neste caso o alho (*Allium sativum*), a oliveira (*Olea europaea*), a malva (*Lavatera spp*, *Malva spp.*), a azinheira (*Quercus rotundifolia*), o eucalipto (*Eucalyptus globulus*) e a urtiga (ou urtigão) (*Urtica dioica*).

Destaca-se o valor da representatividade das citações nas três aldeias da malva *Lavatera spp*, *Malva spp.* (Alegrete 18,03%; Santa Catarina 10,58%; Vale de Vargo 22,41%) e da oliveira *Olea europaea* (Alegrete 15,30%; Santa Catarina 17,99%; Vale de Vargo 5,60%), conferindo-lhes o estatuto de “universalidade” consolidada em toda a área de estudo deste trabalho, em termos da sua utilização no tratamento de animais.

Há plantas de utilização frequente e significativa em apenas duas das três aldeias deste estudo. Merece relevo o calafito (*Hypericum tomentosum*), como planta de grande utilização nas aldeias de Vale de Vargo e Santa Catarina, enquanto na aldeia de Alegrete, a referência à utilização desta planta é nula.

A *Xolantha tuberaria*, erva arcaz como é conhecida em Alegrete ou erva alcaida como lhe chamam em Santa Catarina, é uma planta cujo uso é bastante citado nestas duas aldeias mas o registo é inexistente em Vale de Vargo.

5.3. Preparações-Tipo

A figura 21 faz referência às preparações tipo utilizadas em Alegrete e à frequência da sua utilização.

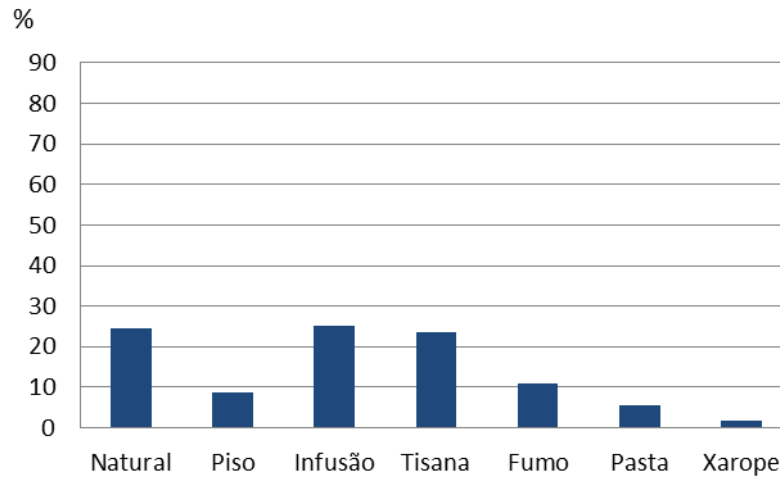


Fig.21 Preparações Tipo Usadas na Aldeia de Alegrete

Nesta aldeia, foram mencionadas 7 preparações tipo diferentes, em que o uso das plantas em infusão, dominou as citações com 25,14%, a utilização em forma natural, foi a segunda forma de utilização mais citada com 24,59%, seguindo-se a tisana com 23,50%.

A utilização da preparação tipo em forma de xarope, foi a menos citada na aldeia de Alegrete, apenas 1,64%.

Na figura 22, podem observar-se as preparações tipo, bem como a frequência de utilização, utilizadas pelos informantes da aldeia de Santa Catarina.

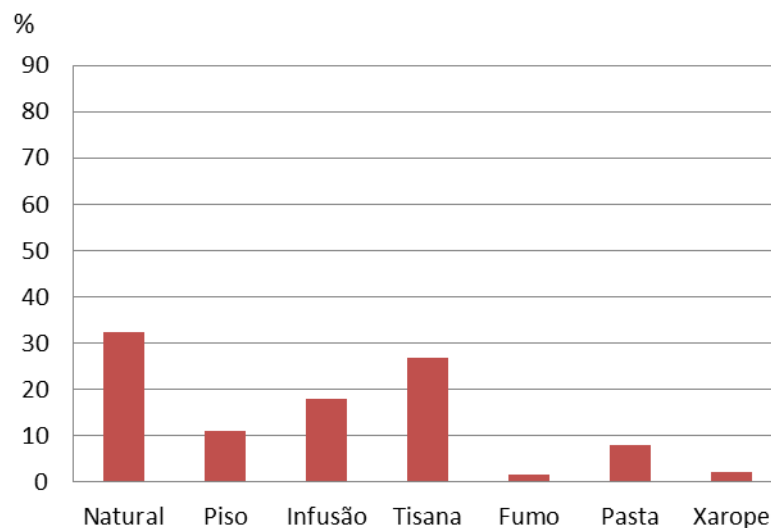


Fig.22 Preparações Tipo Usadas na Aldeia de Santa Catarina

Neste local, houve registo de utilização de 7 preparações tipo, diferentes onde a utilização de plantas na forma natural foi a mais citada neste local, com 32,28%, seguida da tisana que representa 26,98% das citações e da infusão, que tem um peso de 17,99%.

Apenas 1,59% das preparações tipo, registadas na aldeia de Santa Catarina, se referem ao fumo das plantas.

Na figura 23, encontra-se a representação das preparações tipo referidas pelos informantes da aldeia de Vale de Vargo.

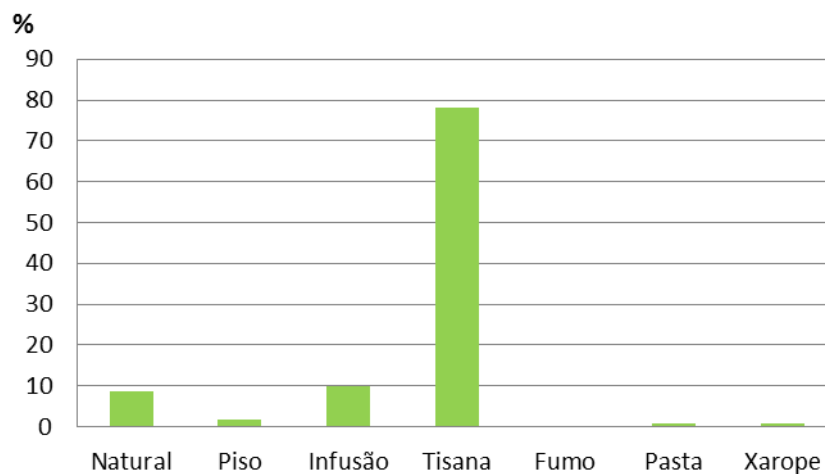


Fig.23 Preparações Tipo Usadas na Aldeia de Vale de Vargo

As entrevistas efectuadas na aldeia de Vale de Vargo revelaram apenas 6 formas diferentes de preparações tipo.

Como se pode constatar, a preparação tipo mais utilizada neste local, é a tisana, que domina completamente com mais de três quartos das citações (78,02%).

A utilização em forma natural, 8,62% bem como em infusão, 9,91% têm algum significado. A referência às restantes preparações tipo, têm baixa representatividade, não havendo qualquer registo da utilização do fumo das plantas.

Os resultados obtidos, revelam concentração quase total numa única preparação tipo.

Assim, pode-se observar na figura 24 a comparação respeitante a preparações tipo, da informação recolhida nas três aldeias alvo deste estudo.

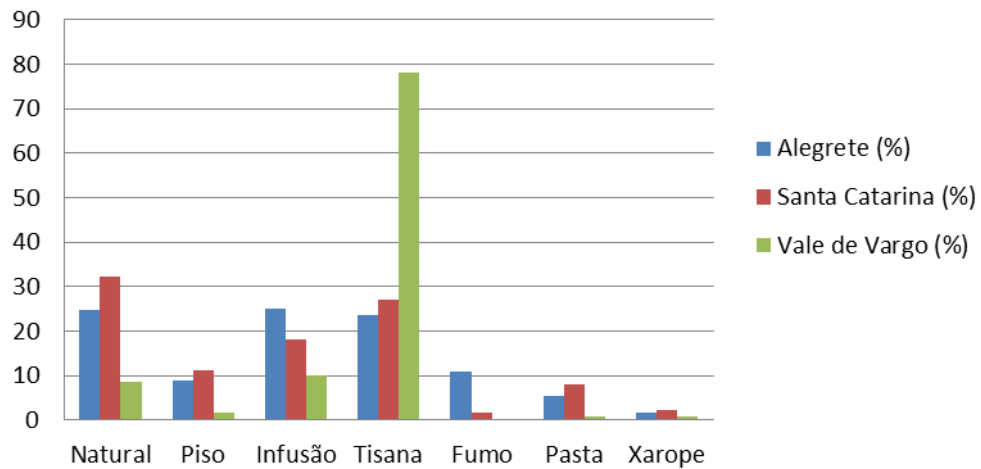


Fig.24 Preparações Tipo Usadas nas 3 Aldeias

A aldeia onde foi registada menor diversidade de plantas utilizadas em tratamentos de problema de saúde animal, Vale de Vargo, coincide com a maior uniformidade na preparação tipo, sendo neste caso a tisana o modo dominante de preparar as plantas.

Inversamente, nas outras duas aldeias, onde foi registada a utilização de maior diversidade de plantas, verifica-se uma distribuição mais dispersa do modo de preparar as plantas para aplicar em tratamentos de animais, pelas várias preparações tipo.

5.4. Animais

Na figura 25, pode observar-se as tipologias de animais referenciadas em Alegrete, como alvo de tratamentos com plantas, bem como a sua representatividade.

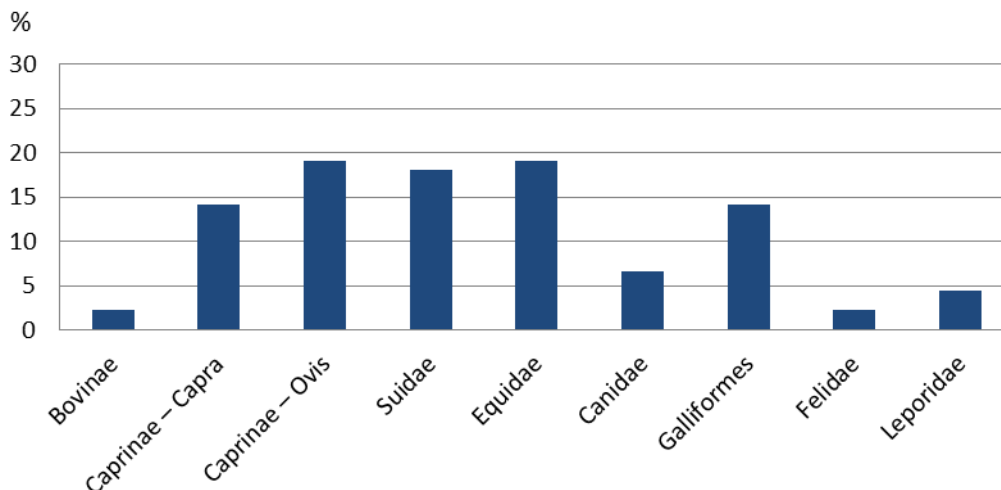


Fig.25 Citações (%) por Tipologia de Animais Citados na Aldeia de Alegrete

As tipologias mais citadas nesta aldeia são os *Caprinae-Ovis* (ovinos), com 19,13%, a par dos *Equidae* onde se incluem os cavalos, burros e machos, com 19,13%, os *Suidade*, vulgo porcos, com 18,03% das citações, estão muito equiparados às tipologias anteriormente designadas, no que respeita a espécies de animais às quais são aplicadas tratamentos com plantas.

Na aldeia de Alegrete, as tipologias de animais menos referidas são a *Bovinae*, e a *Felidae*, ambas com uma representatividade de 2,19%.

Seguidamente apresenta-se a figura 26 referente à tipologia de animais nos quais são utilizados tratamentos à base de plantas, na aldeia de Santa Catarina.

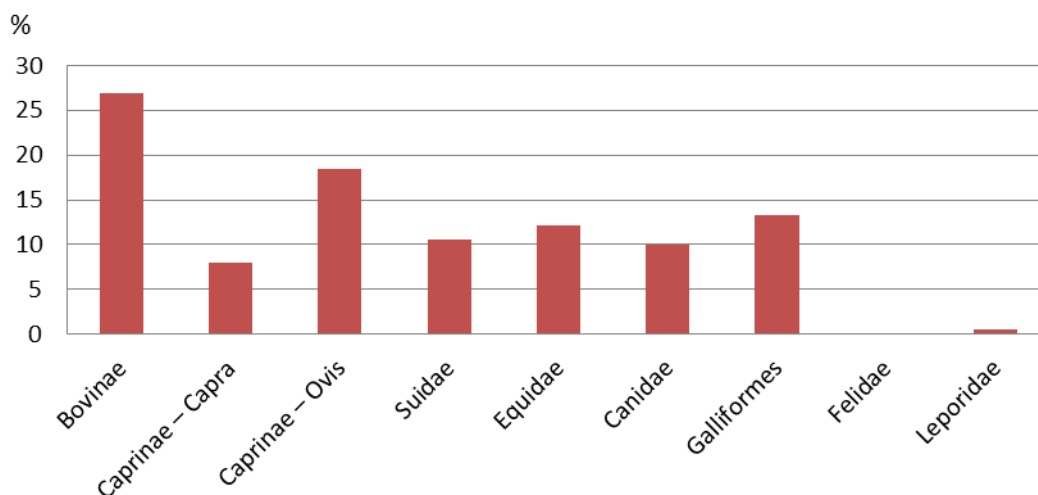


Fig.25 Citações (%) por tipologia de Animais na Aldeia de Santa Catarina

A tipologia *Bovinae*, é a que apresenta com maior representatividade na aldeia de Santa Catarina, com 26,98% das citações, seguida da tipologia *Caprinae-Ovis*, com 18,52%.

É de realçar que neste local de estudo não houve referência a tratamentos com plantas aplicados aos *Felidae*.

Na figura 27, encontram-se os resultados apurados no trabalho de campo realizado na aldeia de Vale de Vargo, respeitantes aos animais.

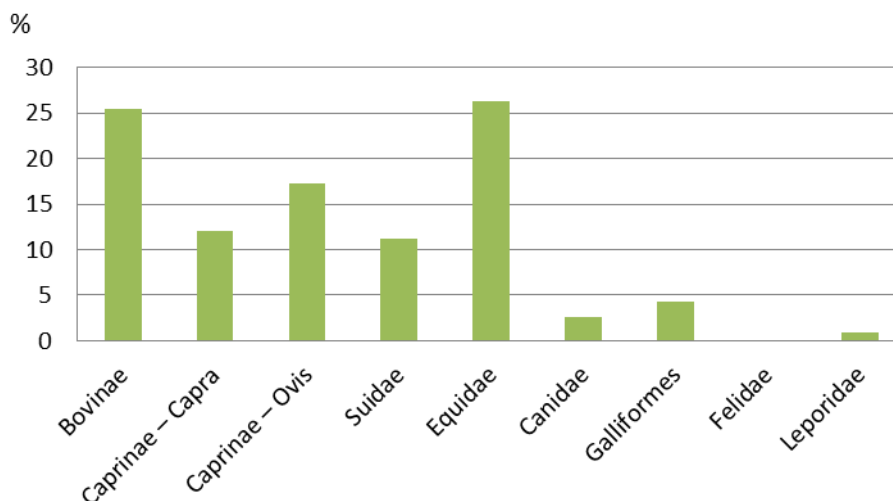


Fig.27 Citações (%) por tipologia de Animais na Aldeia de Vale de Vargo

Nesta aldeia, a tipologia de animais mais citada é a *Equidae*, com 26,29%, logo seguida da *Bovinae* com 25,43%, que no seu conjunto obtêm mais de metade das situações em que foram registados tratamentos com plantas.

A tipologia *Caprinae-Ovis*, regista também em Vale de Vargo um valor elevado, com 17,24% de citações como alvo de tratamentos.

Volta a não haver nesta aldeia, registo de tratamentos com plantas aplicados a *Felidae*.

A figura 28 representa os dados apurados no trabalho de campo realizado nas três aldeias deste estudo, relativamente a tipologias de animais, onde comparativamente, se regista maior utilização de plantas no tratamento de bovinos em Santa Catarina e Vale de Vargo, enquanto o tratamento de cavalos domina em Vale de Vargo. Estes resultados podem estar relacionados com a elevada utilização destes animais nos trabalhos agrícolas, antes da mecanização e o valor económico que representavam, enquanto em Alegrete há um maior equilíbrio na referência a espécies animais utilizadas

nos trabalhos de campo (predominantemente Equídeos) e para consumo humano (como os suínos, ovinos, caprinos e galináceos).

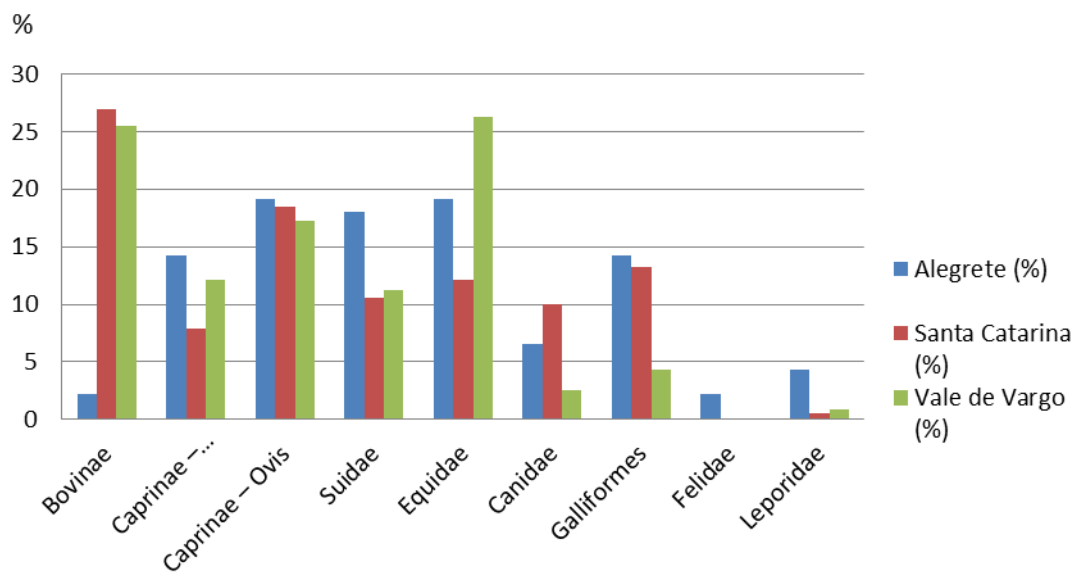


Fig.28 Citações (%) por Tipologia de Animais Citados nas 3 Aldeias

5.5. Doenças/Problemas

Para um melhor enquadramento das doenças/problemas dos animais referidas pelos informantes durante o trabalho de campo, utilizou-se o quadro 6, elaborado com a colaboração de um médico veterinário.

Quadro 6 - Enquadramento de Sintomas nos Grupos de Doenças/Problemas

Grupo de Doenças/Problemas	Sintomas
Traumatismos	feridas; inchaços; fracturas ósseas; inflamações
Ectoparasitoses	míases (bicheiras), carraças, picadas de insectos
Endoparasitoses	Lombrigas
Afecções Músculo-esqueléticas	cansaço muscular, laminites
Mamites	infecções e/ou inflamações no úbere
Doenças Gastrointestinais	boca inflamada; indigestão; enfartamento; falta de apetite, diarreias
Doenças Respiratórias	constipação; tosse
Doenças Infecciosas	febre, infecções
Afecções Tegumentares e Sensoriais	conjuntivites; queda de pêlo

Na aldeia de Alegrete, os traumatismos foram as doenças mais referidas, atingindo quase metade das citações da utilização de plantas para esse fim, 42,08%,

como se pode verificar na figura 29. Seguiram-se as doenças respiratórias (19,13%) e as doenças gastrointestinais (15,30%). Refira-se que não há registo nesta aldeia, de utilização de plantas para o tratamento de afecções músculo-esqueléticas e mamites, e que o tratamento das endoparasitoses tem um significado residual de apenas 0,55%.

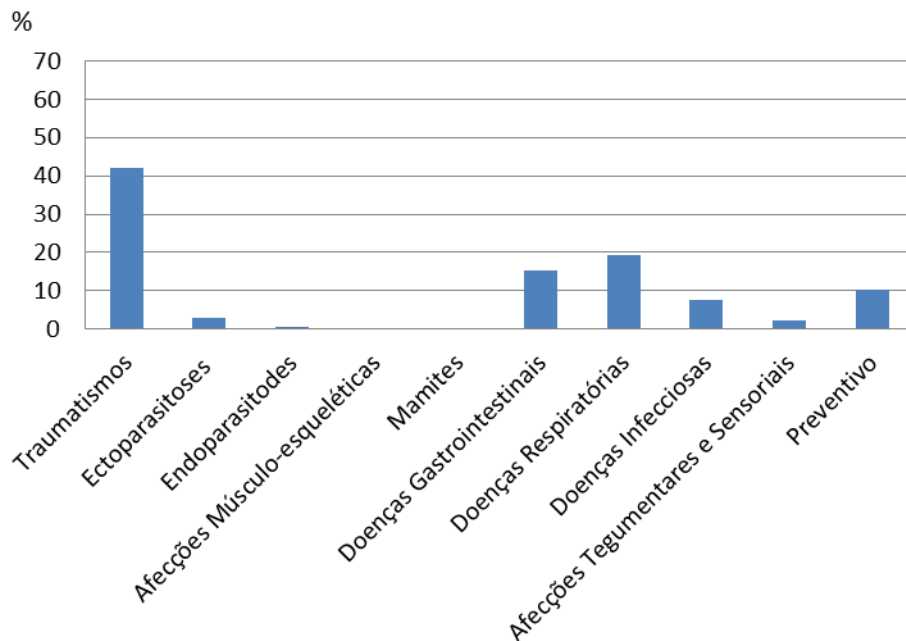


Fig.29 Citações (%) de utilizações por tipologia de Doenças/Problemas na Aldeia de Alegrete

Na aldeia de Santa Catarina, os traumatismos foram as doenças mais citadas para o tratamento com plantas, 41,48%, como mostra a figura 30. Apurou-se igual percentagem de citações, 14,77%, para o tratamento de doenças gastrointestinais, doenças respiratórias e afecções tegumentares e sensoriais. Não houve referência ao tratamento de mamites e as endoparasitoses registam uma percentagem de apenas 0,57% das citações.

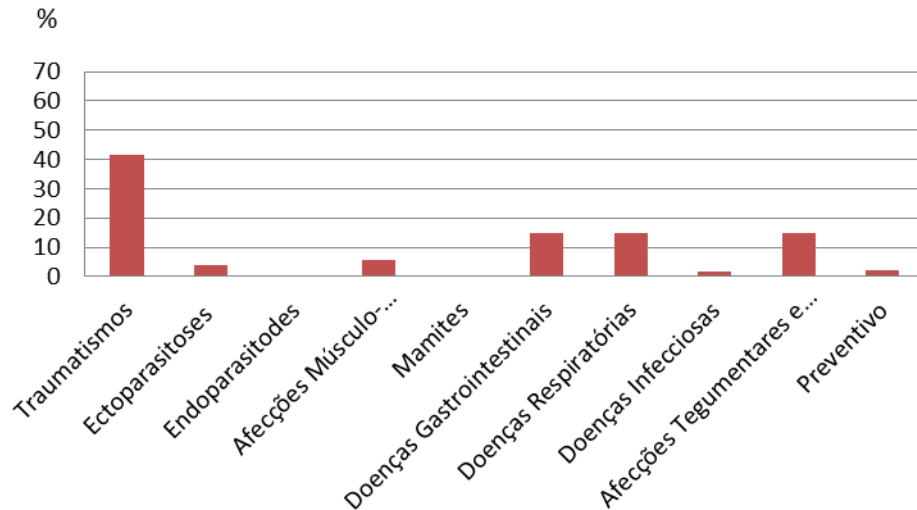


Fig.30 Citações (%) por tipologia de Doenças/Problemas na Aldeia de Santa Catarina

Como se pode verificar na figura 31, a aldeia de Vale de Vargo concentra grande parte das citações de utilização de plantas, no tratamento de traumatismos, que se destaca dos demais com 65,52%. É inexistente a referência a utilização de plantas para o tratamento de afecções músculo-esqueléticas e de mamites. Salienta-se ainda a baixa utilização de plantas no tratamento preventivo, apenas 0,86%.

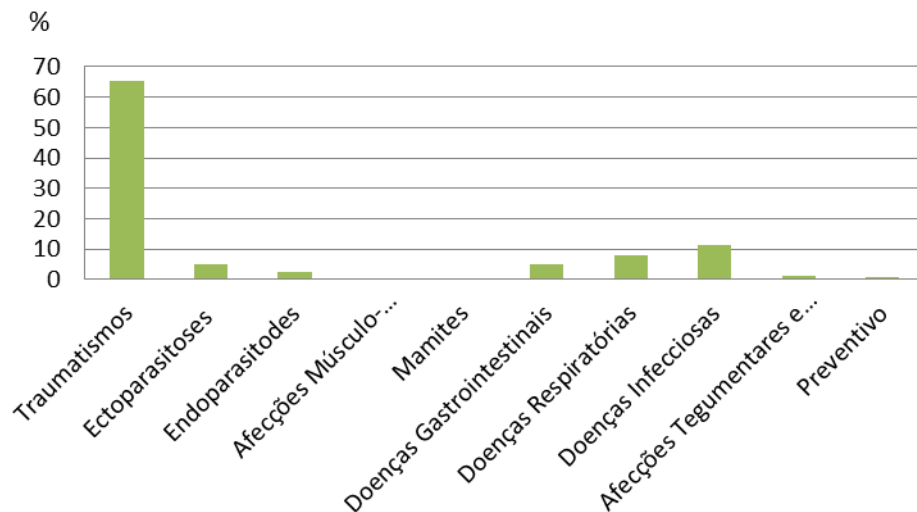


Fig.31 Citações (%) por tipologia de Doenças/Problemas na Aldeia de Vale de Vargo

A figura 32 representa os dados referentes aos grupos de problemas/doenças recolhidos no trabalho de campo realizado nas três aldeias em estudo.

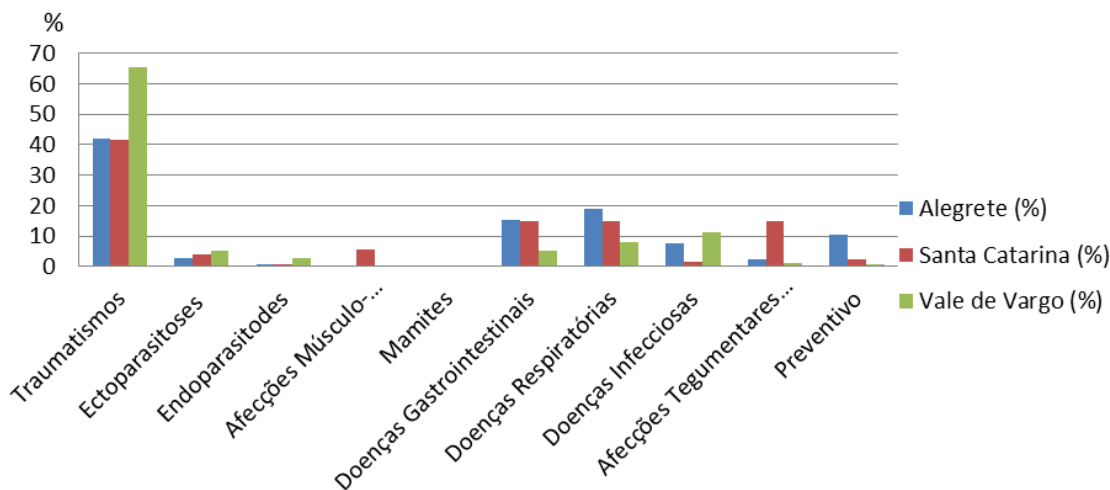


Fig.32 Citações (%) por tipologia de Doenças/Problemas nas 3 Aldeias

A doença mais referida pelos informantes, foi o traumatismo, que no caso das aldeias de Alegrete e Santa Catarina ultrapassa os 40% e na aldeia de Vale de Vargo é superior a 65%, dominando completamente como a tipologia de doença para a qual mais é referida a utilização de plantas no tratamento dos animais.

Refira-se a inexistência de citações para tratamento de mamites em todas as aldeias, e a existência somente na aldeia de Santa Catarina, de citações de utilização de plantas para tratamento de afecções músculo-esqueléticas, não havendo qualquer registo nas outras duas aldeias.

Assim, os dados apurados revelam que Vale de Vargo é a aldeia onde a aplicação de plantas no tratamento de doenças de animais, é mais concentrada, estando as aplicações direccionadas na sua grande maioria, para o tratamento de traumatismos, enquanto que nas aldeias de Alegrete e Santa Catarina existe uma maior distribuição no que respeita a utilização de plantas, pelos vários grupos de doenças/problemas.

6. Discussão de Resultados

Constatou-se no decorrer deste trabalho que a existência de informação sobre a utilização de plantas no tratamento de doenças que atingem os animais, é considerável, mas que se concentra principalmente no domínio de pessoas de uma faixa etária mais elevada, com baixo nível de instrução e cuja actividade está, ou esteve, ligada maioritariamente ao sector primário, confirmando a pertinência do registo destes conhecimentos populares através de estudos etnobotânicos. Estes resultados confirmam os obtidos por Farinha *et al.*, 2012) para o Alentejo em geral

Quanto às plantas mais citadas no conjunto das três aldeias, verificou-se a predominante utilização do calafito (*Hypericum tomentosum*) e da malva (*Lavatera spp.*, *Malva spp.*). O grupo de doenças/problemas para cujo tratamento mais se citou a utilização dessas mesmas plantas, foi o dos traumatismos.

Nos quadros 7 e 8 constam as espécies de plantas mais citadas neste estudo, bem como o grupo de doenças/problemas para os quais mais se referiu a utilização de plantas. Da elevada diversidade de plantas e doenças/problema onde são utilizadas, pode-se inferir do interesse ao nível da exploração da vertente económica, a par da preservação de ecossistemas, numa perspectiva de sustentabilidade.

Quadro 7 - Espécies de Plantas Mais Citadas VS Número de Citações Doenças/Problemas

Espécie	Doenças/Problemas
Calafito (<i>Hypericum tomentosum</i>)	Traumatismos (112); Doenças Infecciosas (9); Doenças Gastrointestinais (5); Ectoparasitoses (3); Afecções Tegumentares e Sensoriais (2)
Malva (<i>Lavatera spp.</i> ; <i>Malva spp.</i>)	Traumatismos (87); Doenças Gastrointestinais (8) Endoparasitoses (3); Doenças Infecciosas (3); Doenças Respiratórias (2); Afecções Tegumentares e Sensoriais (2)
Oliveira (<i>Olea europaea</i>)	Doenças Respiratórias (24); Doenças Gastrointestinais (15); Afecções Tegumentares e Sensoriais (12); Ectoparasitoses (10); Traumatismos (7); Doenças Infecciosas (4); Endoparasitoses (1); Afecções Músculo-Esqueléticas (1)
Erva Arcáz (<i>Xolantha tuberaria</i>)	Traumatismos (28); Doenças Gastrointestinais (4); Afecções Músculo-Esqueléticas (3); Ectoparasitoses (2); Afecções Tegumentares e Sensoriais (1)
Marcela (<i>Anthemis cotula</i>)	Doenças Infecciosas (17); Doenças Respiratórias (8); Ectoparasitoses (3); Doenças Gastrointestinais (1)

Alho (<i>Allium sativum</i>)	Doenças Respiratórias (18); Doenças Gastrointestinais (3); Ectoparasitoses (1)
Azinhreira (<i>Quercus rotundifolia</i>)	Traumatismos (21); Doenças Respiratórias (1)
Eucalipto (<i>Eucalyptus globulus</i>)	Preventivo (14); Doenças Respiratórias (4); Traumatismos (2)
Trovisco (<i>Daphne gnidium</i>)	Doenças Gastrointestinais (7); Traumatismos (6); Ectoparasitoses (4)
Sobreiro (<i>Quercus suber</i>)	Afecções Tegumentares e Sensoriais (13)
Arruda dos Quintais (<i>Ruta graveolens</i>)	Traumatismos (5); Preventivo (5); Doenças Respiratórias (2); Doenças Gastrointestinais (1)

Quadro 8 - Grupo Doenças/Problemas VS Número de Citações Espécies de Plantas Mais Citadas

Doenças/Problemas	Espécies Plantas
Traumatismos	Calafito (<i>Hypericum tomentosum</i>)-112; Malva (<i>Malva Lavatera spp./ Malva spp.</i>)-87; Erva Arcáz (<i>Xolantha tuberaria</i>)- 28; Azinhreira (<i>Quercus rotundifolia</i>)-21; Trovisco (<i>Daphne gnidium</i>)-6; Arruda dos Quintais (<i>Ruta graveolens</i>)-5; Eucalipto (<i>Eucalyptus globulus</i>)-2
Doenças Respiratórias	Alho (<i>Allium sativum</i>)-18; Marcela (<i>Anthemis cotula</i>)-8; Eucalipto (<i>Eucalyptus globulus</i>)-4; Malva (<i>Malva Lavatera spp./ Malva spp.</i>)- 2; Arruda dos Quintais (<i>Ruta graveolens</i>)- 2; Azinhreira (<i>Quercus rotundifolia</i>)-1
Doenças Gastrointestinais	Malva (<i>Malva Lavatera spp./ Malva spp.</i>)- 8; Trovisco (<i>Daphne gnidium</i>)-7; Calafito (<i>Hypericum tomentosum</i>)-5; Erva Arcáz (<i>Xolantha tuberaria</i>)- 4; Alho (<i>Allium sativum</i>)-3; Marcela (<i>Anthemis cotula</i>)-1; Arruda dos Quintais (<i>Ruta graveolens</i>)-1
Doenças Infecciosas	Marcela (<i>Anthemis cotula</i>)-17; Calafito (<i>Hypericum tomentosum</i>)-9; Malva (<i>Malva Lavatera spp./ Malva spp.</i>) (3)
Afecções Tegumentares e Sensoriais	Sobreiro <i>Quercus suber</i> (13); Calafito <i>Hypericum tomentosum</i> (2); Malva (<i>Malva Lavatera spp./ Malva spp.</i>)- 2; Erva Arcáz (<i>Xolantha tuberaria</i>)-1
Ectoparasitoses	Trovisco (<i>Daphne gnidium</i>)-4; Marcela (<i>Anthemis cotula</i>)-3; Calafito (<i>Hypericum tomentosum</i>)-3; Erva Arcáz (<i>Xolantha tuberaria</i>)-2; Alho (<i>Allium sativum</i>)-1
Preventivo	Eucalipto (<i>Eucalyptus globulus</i>)-14; Arruda dos Quintais (<i>Ruta graveolens</i>)-5
Endoparasitoses	Malva (<i>Lavatera spp.; Malva spp.</i>)-3
Afecções Músculo-Esqueléticas	Erva Arcáz (<i>Xolantha tuberaria</i>)-3

Refira-se o facto da diversidade florística existente, ser diferente em cada uma das aldeias deste estudo, no entanto destaca-se a malva (*Lavatera spp*, *Malva spp.*), como planta comumente existente e citada largamente em todas as aldeias.

O registo de informação sobre o modo de preparação das plantas para utilização terapêutica, revelou que das sete preparações-tipo, a tisana é a mais citada, podendo considerar-se que o modo simples de retirar as propriedades medicinais às plantas, para utilização no tratamento animal, é uma vantagem que envolve apenas tempo de fervura, entre cinco a trinta minutos, para promover uma maior ou menor concentração. Todas as outras preparações-tipo, coincidem na simplicidade de preparação, consolidando a enorme vantagem da sua utilização.

No que respeita às espécies animais, no conjunto das três aldeias foram mencionadas pelos informantes, nove tipologias de espécies, das quais se destacam os *Equidae*, *Bovidae*, *Caprinae-ovis*, *Suidae* e *Galiformes* como tipologias animais em que mais foram citados tratamentos com plantas.

Relativamente às tipologias de animais, onde comparativamente, se regista maior utilização de plantas no tratamento de bovinos é em Santa Catarina e Vale de Vargo, enquanto o tratamento de cavalos domina em Vale de Vargo. Estes resultados podem estar relacionados com a elevada utilização destes animais nos trabalhos agrícolas, antes da mecanização e o valor económico que representavam, enquanto em Alegrete há um maior equilíbrio na referência a espécies animais utilizadas nos trabalhos de campo (predominantemente Equídeos) e para consumo humano (como os suínos, ovinos, caprinos e galináceos).

É de salientar que esta variação de aldeia para aldeia das tipologias de animais citadas, se considera relacionado sobretudo com o relevo e a dimensão da propriedade, predominando em Alegrete o minifúndio e o relevo acentuado e nas outras aldeias o latifúndio e um relevo mais ondulado.

Relativamente á representatividade destes resultados, o quadro 9 mostra que foram efectivadas 65 entrevistas às 125 pessoas contactadas, ou seja, 52% das pessoas conhecia usos fitoterapêuticos em animais, com um máximo em Santa Catarina, em que responderam 70% das pessoas e um mínimo em Alegrete em que só responderam 40% dos contactados. Relativamente à população da freguesia as respostas obtidas representam 0,9% da população residente nas 3 aldeias deste estudo.

Quadro 9 – Representatividade das entrevistas efectivadas no total da população contactada e residente nas 3 freguesias.

Aldeia	População da Freguesia	Pessoas contactadas	Entrevistas efectivadas (Nº)	Entrevistas efectivadas (% da população da freguesia)	Entrevistas efectivadas (% da população contactada)
Alegrete	1746	57	24	1,4	0,42
Santa Catarina	4632	30	21	0,5	0,7
Vale de Vargo	968	38	20	2,1	0,52
Total 3 aldeias	7346	125	65	0,9	0,52

Para as principais espécies de plantas citadas pelos informantes Calafito (*Hypericum tomentosum*), Malva (*Lavatera spp.*; *Malva spp.*) e Oliveira (*Olea europaea*), pesquisámos na bibliografia para avaliar se há justificação para as utilizações referidas. Para o Calafito Cunha *et al.* (2009) referem que contém flavonoides e proantocianidinas com propriedades anti-inflamatorias, vasoprotectivas e espasmolíticas; hipericina com propriedades antissepticas e anti-inflamatorias (e ainda anticancerígenas); hiperforina com propriedades de antibiótico. Estas propriedades podem justificar o uso no tratamento de traumatismos, doenças Infecciosas e doenças gastro-intestinais. Contudo é necessário tomar em consideração que hipericina e hiperforina em grandes quantidades provocam fotossensibilização (Knight and Walter, 2003).

As malvas (*Lavatera spp.*; *Malva spp.*) contém mucilagens com propriedades emolientes, propriedades mucolíticas e laxativas. A sua actividade anti-inflamatória é devida à presença de flavonoides e antocianosidos (Cunha *et al.*, 2010), o que pode explicar o uso no tratamento de traumatismos (sobretudo feridas), onde é mais utilizada.

A oliveira (*Olea europaea*) referida sobretudo pelo azeite para tratar doenças respiratórias nas galinhas (em mistura com alho) e indigestão (nos bovinos) mas também para a pele (no caso dos porcos), é utilizada Utilizada na Extremadura ES como vulneraria, anti-inflamatória, nas dermatites, hemorroidas, hipotensora, tranquilizante, laxante, estimulante da secreção biliar e anti-helmintica (Pardo, 2008)

Os resultados obtidos ao longo deste trabalho, mostram que a utilização de plantas no tratamento de problemas/doenças animais, era e ainda é prática corrente e que a etnoveterinária e o conhecimento tradicional, estão profundamente relacionados

com as características socioculturais das comunidades, facto já anteriormente referido por SHEN (2010).

7. Conclusões

No presente trabalho comprova-se a existência de conhecimento tradicional sobre a utilização de plantas no tratamento de animais que urge registar dada o elevado nível etário e baixa escolarização dos informantes (maioritariamente com mais de 65 anos e iletrados ou com o 1º ciclo).

O calafito (*Hypericum tomentosum*) é a planta mais citada mas de utilização diferenciada nas 3 aldeias: a sua utilização é generalizada na aldeia do Baixo Alentejo (Vale de Vargo), mas nunca referida na aldeia do Alto Alentejo (Alegrete). A utilização da malva (*Lavatera spp.*, *Malva spp.*) é mais universal, tanto em termos de tipologias animais alvo dos tratamentos fitoterapêuticos, bem como na diversidade de problemas/doenças a tratar e nas preparações tipo.

Assim, destaca-se a malva (*Lavatera spp.*, *Malva spp.*) como espécie de grande potencial para a aplicação em fitoterapia, mas os resultados obtidos sugerem que as 11 espécies mais citadas podem ser alvo de exploração no mesmo sentido.

Este estudo etnobotânico evidencia que os traumatismos são o grupo de problemas/doenças para o qual mais se citaram plantas no tratamento e que este é um grupo a tomar em consideração para experiências de aplicação de fitoterapia.

As principais utilizações referidas encontram fundamento na bibliografia. Desta forma, a fitoterapia como prática recorrente da etnoveterinária, pode ser uma ferramenta essencial no combate aos efeitos colaterais provenientes da aplicação de tratamentos químicos em animais (nomeadamente aparecimento de resistências), com as vantagens associadas à sua fácil aplicabilidade e aos baixos custos que lhe estão inerentes.

O estudo etnobotânico é um contributo fundamental no que respeita à preservação da herança cultural das comunidades, bem como peça chave na salvaguarda de espécies vegetais espontâneas e manutenção de ecossistemas, uma vez que permite a sua valorização e a exploração de novas vertentes para o uso das plantas. A aplicação dos conhecimentos tradicionais em fitoterapia veterinária deve contudo ser previa e convenientemente comprovada com testes cientificamente delineados.

8. Bibliografia

- ALMEIDA, K.S.; FREITAS, F.L.C. (2006). *Etnoveterinária: A Fitoterapia na Visão do Futuro Profissional Veterinário*. Departamento de Ciências Vegetais, Universidade Federal Rural, Brasil.
- ANTUNES, J.H.C. (S/D). *Informação sobre a Flora e Coberto Vegetal da Serra de S. Mamede*. Portalegre.
- BELIZ, J.M. (1990). *A Serra de Portel – Flora e Vegetação*. Universidade de Évora.
- Boletim on-line da Junta de Freguesia de Santiago (2014), Mapa da freguesia de Santiago, Concelho de Alcácer do Sal, <http://freguesiadesantiago-alcacerdosal.blogspot.pt/>, acedido a 28 de Julho de 2014.
- CARVALHO, A.M. (2005). *Etnobotânica Del Parque Natural de Montesinho*. Facultad de Ciencias, Departamento de Biología. Madrid.
- CARVALHO, A.M. (2007). *Etnobotânica do Nordeste Português: Espécies, Usos e Saberes da Terra Fria Transmontana*. CIMO (Centro de Investigação de Montanha), Escola Superior Agrária de Bragança.
- CARVALHO, L.M.M. (2006). *Estudos de Etnobotânica e Botânica Económica do Alentejo*. Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.
- CMDFCI de Serpa (2007), Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios do concelho de Serpa, http://www.cm-serpa.pt/ficheiros/Caderno_II_PMDFCI.pdf
- COMISSÃO MUNICIPAL DE DEFESA DA FLORESTA CONTRA INCÊNDIOS DE SERPA (2007). *Plano Municipal de Defesa Contra Incêndios do Conselho de Serpa – Caderno II, Informação Base*.
- COSTA, T. (2009). *Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios Florestais de Alcácer do Sal, Caderno II Informação Base*.
- CUNHA, A. P., Teixeira, F., Pereira da Silva, A., Roque, O.R. (2010), *Plantas na terapêutica – farmacologia e ensaios clínicos*, 2ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 476 pp.
- CUNHA, A.P., Pereira da Silva, A., Roque, O.R. (2009), *Plantas e produtos vegetais em fitoterapia*, 3ª edição. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa., 702 pp.
- CUNHA, A.P.; RIBEIRO, J.A.; ROQUE, O.R. (2007). *Plantas Aromáticas em Portugal – Caracterização e Utilizações*. Edições Fundação Calouste Gulbenkian – Lisboa.

- DFR Informática (2014), Vale de Vargo, <http://demos.dfr.pt/modulos/mapa/freguesias/beja/serpa.php?f=6>, acessido a 28 de Julho de 2014
- DIAS, A.S, (2003). *Etnobotânica, Perspectivas, História e Utilizações*. Departamento de Biologia, Universidade de Évora. Publicações da Universidade de Évora. Évora.
- DINIS, S.C.B. (1999). *Estudo da Flora das Zonas Ripícolas da Bacia Hidrográfica do Guadiana, no Parque Natural da Serra de S. Mamede*. Escola Superior Agrária de Castelo Branco, IPCB.
- Direcção Regional de Agricultura e Pescas do Alentejo, 2008.
- DRAPER, D.; MARQUES, I.; GRAELL, A.R.; COSTA, F. (2004). *Conservação de Recursos Genéticos “O banco de Sementes António Luis Belo Correia”*. Jardim Botânico, Museu Nacional de História Natural. Lisboa.
- Farinha, N.; Póvoa, O.; Santos, R. (2012). Ethnoveterinary applied to Equidae in the Alentejo, south Portugal. In *Forages and grazing in horse nutrition*. Edited by Markku Saastamoinen; Maria João Fradinho, Ana Sofia Santos; Nicoletta Miraglia. EAAP publication n° 132. Wageningen Academic Publishers, Wageningen. ISBN: 978-90-8686-200-9. 401-411
- Franco, J. A. (1971). Nova Flora de Portugal (Continente e Açores). I. Lycopodiaceae – Umbelliferae. Sociedade Astória Lda, Lisboa, 648 pp.
- Franco, J. A. (1984). Nova Flora de Portugal (Continente e Açores).II. Chletraceae - Compositae. Sociedade Astória Lda, Lisboa, 660 pp.
- Franco, J. C. (1990). Os conceitos de infestante e de planta adventícia. Contributo para a sua discussão. AGROS, 2: 63-70.
- Franco. J. A. & Afonso, M. L. R. (1994). Nova Flora de Portugal (Continente e Açores).Alismatacea – Iridacea. III. Escolar Editora, Lisboa, 181 pp.
- Franco. J. A. & Afonso, M. L. R. (1998a). Nova Flora de Portugal (Continente e Açores). III. II. Gramineae. Escolar Editora, Lisboa, 283 pp.
- Franco. J. A. & Afonso, M. L. R. (1998b). Nova Flora de Portugal (Continente e Açores). III. III Juncacaeae - Orchidaceae. Escolar Editora, Lisboa, 198 pp.
- <http://www.ipma.pt/pt/oclima/normais.clima/1981-2010/015/>.
- <http://www.ipma.pt/pt/oclima/normais.clima/1981-2010/019/>
- ICN (2003). *Plano De Ordenamento Do Parque Natural Da Serra De S. Mamede*. Relatório Final.

- ICN (2006). *Plano De Ordenamento Do Parque Natural Do Vale Do Guadiana*. Relatório Final.
- INE (2010). Anuário Estatístico da Região Alentejo, 2010.
- INE (2011). *Censos 2011 Resultados Definitivos – Portugal*. Instituto Nacional de Estatística, I.P.
- INE (2011). *Recenseamento Agrícola Nacional 2009 – Análise dos Principais Resultados*, Estatísticas Oficiais – Edição 2011.
- KNIGHT, A. P., WALTER, R.P. (2003), Plants affecting the skin and liver, in: A Guide to Plant Poisoning of Animals in North America, Teton Media, Jackson WY; available online at: http://www.ivis.org/special_books/Knight/chap4/IVIS.pdf, 19-Jan-2012.
- LOPES, M.H.R. (2005). *Plantas e Saberes – No Limiar da Etnobotânica em Portugal, Etnobotânica e Conservação da Natureza*, pp 31-32. Edições Colibri.
- Mendonça, L. (2007), *Estudos de Etnobotânica e Botânica Económica no Alentejo*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- Montalegre do Cercal (2013), *Informações interessantes sobre ou Alentejo*, <https://www.google.pt/search?q=4+sub+regi%C3%B5es+do+alentejo&source=lnms>, acessado a 28 de Julho de 2014.
- MONTEIRO, M.V.B. (2010). *Estudo Etnoveterinário de Plantas Medicinais com Actividade Anti-Helmintica*. Universidade de Ceará, Faculdade de Veterinária. Fortaleza. Brasil.
- Município de Portalegre (2008). Freguesia de Alegrete, <http://www.cm-portalegre.pt/page.php?page=183>, acessado a 28 de Julho de 2014
- PARDO, F.M,V. (2008), *Plantas medicinales en la comunidade de Extremadura*, Diputación de Badajoz, 573 pp.
- PARENTE, J.M.M. (2004). *Alegrete Histórico, Urbano e Rural*. Edições Colibri
- PEREIRA, T.; BATISTA, S. (2005). *Uso de Pesticidas em Arrozais Numa Perspectiva de Agricultura Sustentada*. Relatório Final do AGRO 24.
- Rodrigues, F.; Botelho, M.; Mendonça, C.; Vilela, A.; Mendiola, M.A. (2009). *Etnobotânica e Desenvolvimento Sustentável: Recordar o Passado para Sustentar o Futuro*. 1.º Congresso de Desenvolvimento Regional de Cabo Verde. 2.º Congresso Lusófono de Ciência Regional. Cabo Verde.

- RODRIGUES, J.S.C. (2002). *Contributo para o Estudo Etnobotânico das Plantas Medicinais e Aromáticas na Área Protegida da Serra do Açor*. ICN.
- RODRIGUES, J.S.C. (2011). *Contributo para o Estudo Etnobotânico das Plantas Medicinais e Aromáticas do Parque Natural da Serra de S. Mamede*. Relatório de Estágio. ICN-PNSSM, FCUL.
- SANTOS, S.; CORREIA, A.I.D.; FIGUEIREDO, A.C.; DIAS, L.S.; DIAS, A.S. (S/D). *Plantas medicinais da península de Setúbal, contribuição para o Conhecimento da sua Relevância Etnobotânica, Potencialidades e Aplicações das Plantas Aromáticas e Medicinais*, pp 175-182.
- SHEN, S.; QIAN, J.; REN, J. (2010). *Ethnoveterinary Plant Remedies Used by Nu People in NW Yunnan of China*. Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine 2010, 6:24.
- Tavares, C. e Ferreira, C. (2014). Regiões Vitivinícolas de Portugal. Curso Especialização em Produção Enológica da AESBUC - Universidade Católica, <http://www.aesbuc.pt/twt/ETGI/MyFiles/MeusSites/Enologia/2005/alentejo.htm>, *acedido a 28 Julho de 2014*
- Unioeste (2002), Universidade Solidária, Planatas Medicinais, http://www.unioeste.br/projetos/unisol/projeto/c_farmacia/plantas_medicinais_1.htm *acedido a 28 de Julho de 2014*.
- UTAD (2014), Jardim Botânico, Flora Digital de Portugal, <http://jb.utad.pt/flora>
- Valdés, B.; S. Talavera; E. Fernandez-Galliano (1987), *Flora Vascular de Andalucía Occidental 2*, Ketres editora S.A. Barcelona, p. 449.

Anexo 2

- Plantas Recolhidas para Herbário

Nome Comum	Nome Científico	Data de Recolha	Local	Cod. da Entrevista
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	25-02-2013	Alegrete	Al1; Al3; Al11; Al13; Al15
Salva Brava	<i>Phlomis lychnitis</i>	16-03-2013	Alegrete	Al15
Erva das 7 Linhas	<i>Plantago major</i>	06-04-2006	Alegrete	Al13
Pimponelo	<i>Sanguisorba minor</i>	06-04-2013	Alegrete	Al24
Erva Congorça ou Erva da Lua	<i>Vinca difformis</i>	06-04-2013	Alegrete	Al8; Al15; Al16; Al18
Hortelã da Ribeira, Mentraste	<i>Mentha suaveolens</i>	06-04-2013	Alegrete	Al3
Calafito	<i>Hypericum tomentosum</i>	11-05-2013	Vale de Vargo	VV2; VV3; VV4; VV5; VV7; VV8; VV9; VV10; VV11; VV12; VV13; VV15; VV16; VV17; VV18
Marcela	<i>Anthemis cotula</i>	11-05-2013	Vale de Vargo	VV4; VV5; VV7; VV10; VV11; VV16; VV17
Erva Prata	<i>Patonyehia argentea</i>	16-05-2013	Alegrete	Al14
Fel da Terra	<i>Centaurium erythraea</i>	06-06-2013	Alegrete	Al14
Tília	<i>Tilia platyphyllos</i>	21-06-2013	Alegrete	Al9

Anexo 3 – exemplos de espécimens considerados para identificação de espécies correspondentes aos nomes comuns referidos pelos informantes

Anexo 3.1 – Erva Congorsa ou Erva da Lua (*Vinca difformis*)



Anexo 3.2 – Salva Brava (*Phlomis lychnitis*)



Anexo 3.3 – Calafito (*Hypericum tomentosum*)



Anexo 1.4 – Pita (*Agave americana*)

